PAULUS

vida pastoral

março-abril de 2024 – ano 65 – número 356

ISSN 0507-7248
9 770507 718003 02

A IGREJA E A COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL

COLEÇÃO

ECCLESIA DIGITALIS

TODOS OS TÍTULOS ESTÃO DISPONÍVEIS EM **E-BOOK**

Descubra como ser Igreja no mundo virtual!

Os recentes acontecimentos globais intensificaram o processo de virtualização das relações humanas, e até mesmo as atividades pastorais da Igreja foram transportadas para o ambiente digital. A coleção foi criada para oferecer sugestões e subsídios pastorais que favoreçam a vivência da fé e a adaptação da vida eclesial à cultura da comunicação e aos ambientes digitais. Dessa forma, busca promover alicerces para construir uma experiência pastoral de encontro e comunicação no ambiente físico e digital.

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 |08000-164011
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!

PAULUS

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

O Dicastério para a Comunicação do Vaticano publicou, no dia 28 de maio de 2023, o documento intitulado *Rumo à Presença Plena: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais*. O documento é resultado de reflexões conjuntas de especialistas, professores, jovens profissionais e líderes, leigos, clérigos e religiosos. Inspirado na parábola do Bom Samaritano, o documento tem 82 parágrafos, divididos em quatro partes. *Vida Pastoral* traz como matéria de capa esse importante material, que nos ajuda no uso inteligente das redes sociais digitais.

A primeira parte do documento pede: "Atenção às ciladas nas rodovias digitais: *Aprender a ver a partir da ótica de quem caiu nas mãos dos ladrões*" (cf. Lc 10,36). De acordo com o texto, "muito além do ato de usar as redes sociais como um instrumento, vivemos em um ecossistema plasmado na sua essência pela experiência da partilha social" (n. 10). Essa parte do documento também faz referência ao papel da inteligência artificial e chama a atenção para os impactos que ela poderá causar. "Atualmente testemunhamos o desenvolvimento de máquinas que trabalham e tomam decisões por nós" (n. 8).

A segunda parte, intitulada: "Da consciência ao verdadeiro encontro: *Aprender com aquele que teve compaixão*" (cf. Lc 10,33), é um convite aos seguidores de Jesus a se deixarem guiar e a agir pela verdade do Evangelho. "O discípulo que encontrou o olhar misericordioso de Cristo experimentou algo mais. Ele ou ela sabe que a boa comunicação começa pela escuta e pela consciência de que outra pessoa está diante de mim" (n. 25).

A terceira parte, com o título: "Do encontro à comunidade: '*Cuida dele*' (cf. Lc 10,35) – *abranger outros no processo de cura*", trata da importância do ambiente da comunidade e do acolhimento nesse espaço, que deve ser de verdadeiro encontro, especialmente com o outro ferido no corpo e na alma. "A comunicação começa com a conexão e passa para os relacionamentos, a comunidade e a comunhão. Não existe comunicação sem a verdade de um encontro" (n. 45).

A quarta parte discorre sobre nossa atuação nas redes, daí o título: "Um estilo distintivo: *Ame... e viverá*" (cf. Lc 10,27-28). "Para comunicar a bondade, precisamos de conteúdo de qualidade, uma mensagem destinada a ajudar, não a prejudicar; para promover ações positivas, não para desperdiçar tempo em debates inúteis" (n. 66).

Em síntese, o documento *Rumo à Presença Plena* quer advertir que, diante das mais variadas plataformas em rede, diante das novidades da tecnologia da comunicação, e agora com o advento da inteligência artificial, por vezes corremos o risco de nos esquecer do meio de comunicação primordial: o nosso corpo.

Sim, este corpo que Deus nos deu, com suas fragilidades e potencialidades. O corpo é verdadeiro meio de comunicação. Sem um corpo vivo, portanto, e sem outros corpos, não há comunicação, mas tão somente conexão. Do corpo não se espera só conexão. Esperam-se vínculos. Nós precisamos de vínculos, dos afetos.

A autêntica comunicação é calor humano, para além do lume frio das telas. Precisamos urgentemente de mais vínculos e menos seguidores, de mais abraços e menos curtidas. Faz bem aguçar nossa capacidade de perceber o outro para criar vínculos. Comunicar é criar vínculos. Nos ambientes em que tecemos vínculos, já não somos indivíduos, somos um nó apoiado por outros nós e entrecruzamentos. Nisto consiste a comunhão, a fraternidade, a amizade: na comunicação. Jesus Cristo é nosso verdadeiro modelo de comunicação. Ele nos inspire na missão.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes e agentes de pastoral

Ano 65 - Nº 356
março-abril de 2024

PAULUS

© PAULUS – 2024
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Direção editorial
Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor
Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp

Redação
vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial
Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Imagens
Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação
Philipe Silva Ribeiro dos Santos

Revisão
Alexandre S. Santana
Tiago José Risi Leme

Impressão - PAULUS

Versão digital
vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.
Área:
Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Sumário

RUMO À PRESENÇA PLENA: SETE LIÇÕES PARA A COMUNICAÇÃO CATÓLICA À LUZ DA REFLEXÃO PASTORAL SOBRE A PARTICIPAÇÃO NAS REDES SOCIAIS 4
Ricardo Alvarenga e Osnilda Lima

VIDA RELIGIOSA E COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL 12
Neusa Santos

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE A PASTORAL E A CULTURA DIGITAL CONTEMPORÂNEA 18
Leônidas Inácio Felix

ALGORÉTICA: DILEMAS E DEBATES LIGADOS À INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL 24
Darlei Zanon

ROTEIROS HOMILÉTICOS 32
Maicon André Malacarne

Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 20 reais.
- O acesso ao *site* continua inteiramente gratuito: www.vidapastoral.com.br

Para contato:

paulus.com.br/loja
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
(11) 99974-1840
assinaturas@paulus.com.br
@editorapaulus

Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP
Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE
Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA
Rua 28 de Setembro, 61 – Campina (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG
Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA – RR
Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01
Centro
(95) 3212-5340 / 98122-0040
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF
SCS – Q.1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB
Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS – SP
Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS
Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS
Av. Júlio de Castilhos, 2029
(54) 3221-8266
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES
Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR
Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC
Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE
Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO
Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR
Rua XV de Novembro, 7466 - Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB
Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL
Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM
Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN
Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS
Rua Dr. José Montaury, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP
Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ
Rua México, 111–B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA
Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP
Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP
Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA
Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP
Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI
Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
teresina@paulus.com.br

VITÓRIA – ES
Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

Ricardo Alvarenga* e Osnilda Lima**

*Ricardo Costa Alvarenga é doutor e mestre em Comunicação Social, especialista em Comunicação Organizacional, graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Possui pesquisas na área de comunicação e religiões, com foco na América Latina. Professor de graduação e pós-graduação nas áreas de Comunicação Social e Educação. Palestrante, assessor e consultor em comunicação para instituições civis e religiosas. *E-mail*: ricardocalvarenga@gmail.com

**Osnilda Lima é jornalista, especialista em Cultura e Meio de Comunicação, assessora de comunicação da Comissão para a Comunicação Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

RUMO À PRESENÇA PLENA:

sete lições para a comunicação católica à luz da reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais

Por meio de pontos temáticos que convergem e se destacam na reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais, o presente artigo pretende oferecer um itinerário reflexivo que se desenvolve com base no que consideramos como sete lições do documento "Rumo à Presença Plena" para a comunicação católica, a fim de que possamos converter a comunicação em "azeite perfumado para a dor e vinho bom para a alegria".

Falar sobre a presença da Igreja nas redes sociais digitais não é tarefa simples. Antes, é trilhar um caminho complexo, de muitas reflexões, conceituações e interpretações sobre esse fenômeno, que tem grande impacto na vida social e eclesial da sociedade contemporânea. Como o próprio texto da reflexão pastoral *Rumo* à *Presença Plena,* do Dicastério para a Comunicação, afirma: "Nessa realidade em evolução constante, ainda há muitas perguntas a responder" (n. 8).

Portanto, a fim de não incorrer em erros teóricos ou mesmo técnicos ao tratar de uma temática tão específica e importante, escolhemos organizar este artigo em pontos temáticos que convergem e se destacam na reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais. Nosso itinerário reflexivo se desenvolve com base no que consideramos como sete lições do documento *Rumo* à *Presença Plena* para a comunicação católica, de modo que possamos converter a comunicação na/da Igreja católica em "azeite perfumado para a dor e vinho bom para a alegria" (n. 82).

As lições que aprendemos nos conduzem por um caminho cujo ponto de partida é a redescoberta do encontro humano como fator fundamental para a construção de uma sociedade nova, uma civilização do amor. Partindo desse lugar central do encontro, entendemos que a comunicação é elemento vital para a construção de pontes, de comunidades e de relações que fortaleçam o sentimento de responsabilidade de todas e todos com a superação das desigualdades e a transformação social.

Em nossa sociedade, tão marcada pela polarização, pela hostilidade e por extremismos, o documento *Rumo* à *Presença Plena* convoca os católicos para adotarem práticas proféticas de combate a esses modelos de sociedade, convidando todas e todos a se mobilizarem em torno de modelos de comunicação que valorizem o outro por meio da escuta, da proximidade, da compaixão e da ternura.

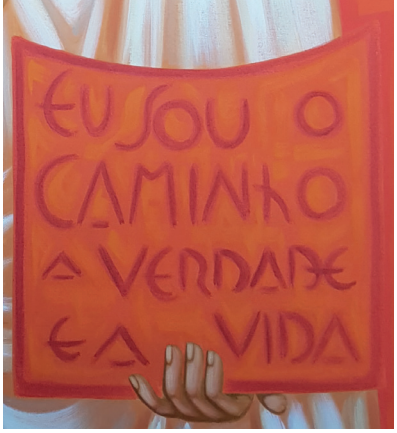
O grande potencial das redes sociais digitais tem sido utilizado, muitas vezes, para propagar discursos proselitistas e moralistas, quase sempre com uma vinculação direta com o compartilhamento de desinformação e de informações descontextualizadas, na esteira do que diz o ditado popular: "Texto sem contexto é mero pretexto". Dessa forma, a comunicação católica deve fomentar a criação de outras narrativas que gerem influência, engajamento e incidência nas dinâmicas de transformação social.

LIÇÃO 1: "[...] dado que a comunicação é cada vez mais influenciada pela inteligência artificial, *há necessidade de redescobrir o encontro humano em sua própria essência*" (n. 1).

A comunicação é, sem dúvida, um elemento constituinte do ser humano. Ao longo da história da humanidade, podemos perceber quanto as tecnologias de informação e comunicação que surgiram foram respostas efetivas ao desejo humano de comunicar, compartilhar e trocar, de forma que a comunicação permeia todos os aspectos do nosso viver.

Ao destacar a necessidade de *"redescobrir o encontro humano em sua própria essência"* (n. 1), o documento aponta para a compreensão de que o ser humano é o elemento central da comunicação e, por isso, deve ocupar o lugar de destaque nos processos comunicacionais. Como afirma Miklos (2019, p. 30), "a comunicação é o fundamento de todo processo de existência humana. Por meio da comunicação, a humanidade explora, aprende e descobre o próprio mundo. Indivíduos e grupos sociais podem vir a compreender uns aos outros e fortalecer vínculos, laços humanos".

Dessa forma, "é na complementaridade das experiências digitais e físicas que se constroem a vida e a jornada humanas" (n. 17). Afinal,



"O GRANDE POTENCIAL DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS TEM SIDO UTILIZADO, MUITAS VEZES, PARA PROPAGAR DISCURSOS PROSELITISTAS E MORALISTAS, QUASE SEMPRE COM UMA VINCULAÇÃO DIRETA COM O COMPARTILHAMENTO DE DESINFORMAÇÃO E DE INFORMAÇÕES DESCONTEXTUALIZADAS."

como afirma o papa Francisco em sua mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais (2014), "a rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas". As redes sociais digitais são uma forma de complementar a experiência humana, pois nada substitui "um encontro na carne que adquire vida através do corpo, do coração, dos olhos, do olhar e da respiração do outro" (n. 63).

LIÇÃO 2: "[...] a mídia não deveria apenas fomentar conexões entre as pessoas, mas também encorajá-las a *comprometer-se com relacionamentos que promovam 'uma cultura de respeito, de diálogo e de amizade'*" (n. 3).

Ao compreendermos que o ser humano é, por natureza, um ser comunicacional, entendemos a necessidade dos vínculos e relacionamentos para o pleno desenvolvimento humano e para nossa realização como filhos e filhas de Deus, pois é no contato com o outro que nos constituímos. Por isso, é necessário adotar, como Igreja, uma "abordagem criativa e construtiva que possa fomentar uma cultura da proximidade" (n. 7).

Com efeito, o papa Francisco tem insistido na perspectiva da cultura do encontro como a chave para os grandes problemas da sociedade atual, e sobre isso dom Joaquim Giovani Mol Guimarães (2023, p. 19) escreveu: "Nunca, na história do cristianismo, um papa insistiu tanto no encontro como o papa Francisco o faz, não é de hoje. Encontro é uma chave de leitura do seu magistério, de sua trajetória de vida, ainda em Buenos Aires, e de seu testemunho cristão".

É por meio do encontro que conseguimos construir pontes, estabelecer conexões, formar comunidades. Cabe-nos aproveitar que "a revolução digital ampliou nosso acesso às informações e nossa capacidade de nos conectarmos uns com os outros, para além dos limites do espaço físico" (n. 7), e assim amplificar nossas conexões e aprofundar nossa proximidade. É preciso utilizar com bom propósito as tecnologias digitais, a fim de que sejam efetivamente meios para favorecer o real encontro.

> Nas redes sociais, a proximidade é um conceito complexo. Nas redes sociais, os "próximos" são mais claramente aqueles com quem temos ligações. Ao mesmo tempo, nosso próximo é também, frequentemente, aquele que não podemos ver, quer porque as plataformas nos impedem de vê-lo, quer porque ele simplesmente não está presente (n. 42).

LIÇÃO 3: "[...] *uma 'desigualdade nas redes sociais' torna-se cada vez mais aguda.* As plataformas que prometem criar comunidade e aproximar o mundo, ao contrário, tornam mais profundas várias formas de divisão" (n. 12).

Ao adotarmos a cultura do encontro como chave para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, voltaremos

nossos olhares para a realidade dos irmãos e irmãs que vivem situações de marginalização geradas pelas desigualdades sociais. A propósito, é nesse contexto que se fortalece o debate pela diminuição do abismo social criado também pelas tecnologias digitais.

> Ainda nos deparamos com uma "desigualdade digital". Embora esta evolução se mova mais rapidamente do que nossa capacidade de a compreender de maneira adequada, muitas pessoas continuam a não ter acesso, não só às necessidades básicas, como alimentos, água, roupas, moradia e assistência médica, mas inclusive às tecnologias de comunicação e informação. Isso deixa um grande número de excluídos, marginalizados, à beira do caminho (n. 12).

É comum ouvirmos, em espaços acadêmicos, que a cultura digital e da convergência molda as sociedades e as relações nelas estabelecidas, dando-lhes outra fisionomia; contudo, mesmo diante desse contexto iminente, muitos ainda estão fora da lógica e da mecânica digital. Nesse sentido, é necessário pautar o debate sobre a democratização da comunicação, do acesso à tecnologia.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, carta magna da humanidade, aponta justamente para o direito à liberdade de opinião e expressão, por meio da recepção e do envio de informações e ideias por qualquer tipo de mídia; no entanto, com o avanço das tecnologias, percebemos o movimento contrário, seja pela dificuldade de acesso a suportes tecnológicos, seja pelo controle exercido pelas empresas que controlam a internet. "Por isso, devemos reconstruir os espaços digitais, de tal forma que eles se tornem ambientes mais humanos e mais saudáveis" (n. 58).

Igreja e sociedade em rede: impactos para uma cibereclesiologia

Darlei Zanon

112 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

A obra estabelece a relação entre a Igreja católica e a sociedade contemporânea, definida como sociedade em rede. Aponta qual é a relação possível, o diálogo existente e as condições de coexistência entre sociedade em rede e a Igreja.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

LIÇÃO 4: "Em uma época em que estamos cada vez mais divididos, em que cada pessoa se retira na sua própria bolha filtrada, *as redes sociais tornam-se um caminho que leva muitos à indiferença, à polarização e ao extremismo*" (n. 19).

As desigualdades sociais e tecnológicas provocam grande sofrimento e são combustíveis para a indiferença e a violência, que se apresentam de diversas formas nesse contexto. O fato é que, "ao longo das 'rodovias digitais', muitas pessoas são feridas pela divisão e pelo ódio" (n. 18), e essas feridas são geradas não somente pela exclusão, mas também pelos discursos de violência e ódio que têm ganhado espaço na internet. Diante disso, o caminho a percorrer é o cultivo de uma cultura do encontro, que promova a amizade e a paz entre pessoas diferentes.

Em uma conferência ministrada na Universidade Metodista de São Paulo, em agosto de 2017, Wilson Gomes afirmou:

> Os ambientes sociais são forças de constrangimento ou reconhecimento social; quanto mais o indivíduo é recompensado por certo comportamento, mais extremo se torna. Por que as pessoas se sentem à vontade para atacar outras nas redes? Porque os ambientes sociais *on-line* permitem isso. Diferentemente da vida, eles podem ser personalizados. As decisões de seguir ou deixar de seguir alguém, por exemplo, criam grupos por afinidade, as chamadas "bolhas" (EXTREMISMO..., 2017).

É nessa mesma linha que o papa Francisco tem alertado sobre a importância de retomar a proximidade e o olhar efetivo e afetivo para o outro, uma vez que somos todos parte de uma humanidade ferida.

> Quando os indivíduos não se tratam uns aos outros como seres humanos, mas como meras expressões de um certo ponto de vista que não compartilham, testemunhamos outra expressão da "cultura do descarte", que multiplica a "globalização" – e a normalização – "da indiferença". Retirar-se no isolamento dos próprios interesses não pode ser o caminho para restabelecer a esperança (n. 19).

LIÇÃO 5: "O discípulo que encontrou o olhar misericordioso de Cristo experimentou algo mais. *Ele ou ela sabe que a boa comunicação começa pela escuta e pela consciência de que outra pessoa está diante de mim*" (n. 25).

A superação da lógica da indiferença nos põe em posição permanente de escuta, abertura e diálogo, e isso nos torna "comunicadores que caminham intencionalmente rumo ao encontro" (n. 24). Na sociedade atual, cumpre-nos cultivar a escuta, que difere do ouvir, pois pressupõe maior disponibilidade para o outro e maior conexão com ele. "Escutar é inclusive um ato de humildade da nossa parte, dado que reconhecemos a verdade, a sabedoria e o valor, além do nosso próprio limitado ponto de vista. Sem a disposição para a escuta, não somos capazes de receber o dom do outro" (n. 36).

No contexto digital, certamente grande desafio é escutar efetiva e afetivamente o outro, afinal são muitos os estímulos que rapidamente mudam o foco da nossa atenção – o que diz

"NOSSA DIFICULDADE DE ESCUTAR ATENTA E AFETIVAMENTE OS ACONTECIMENTOS NOS IMPEDE DE TER UMA COMUNICAÇÃO FLUIDA E COMPROMETIDA COM A VERDADE."

muito sobre nosso modelo de sociedade e sobre o mundo em que vivemos, onde tudo é superficial, efêmero e raso, pois não aprofundamos nosso contato com o outro. Como sinaliza o documento do Dicastério para a Comunicação que ora analisamos, o silêncio torna-se, nesse contexto, um bem valioso, um grande aliado para a escuta e o cuidado do outro.

> O ímpeto de procurar o silêncio na cultura digital eleva a importância de se concentrar e de escutar. Nos ambientes educacionais ou de trabalho, assim como nas famílias e comunidades, há necessidade crescente de nos desligarmos dos dispositivos digitais. Neste caso, o "silêncio" pode ser comparado a uma "desintoxicação digital", que não é simplesmente abstinência, mas, ao contrário, uma maneira de se comprometer mais profundamente com Deus e com os outros (n. 35).

Não somos ilhas, não nos bastamos a nós mesmos, mas precisamos do outro. Assim, a comunicação constitui-se em razão do estabelecimento de laços sociais e vínculos com o outro. Como afirma Miklos (2019, p. 29), "a comunicação não se constitui apenas na produção e distribuição de informação, mas, sobretudo, no dever de ter abertura para a percepção sensível, para as condições em que o receptor, num processo de troca, recebe, aceita, recusa, remodela mensagens e informações"

Alvarenga (2023) destaca o papel fundamental da comunicação como vetor da transformação social, especialmente quando compreendida, para além dos meios e dos suportes técnicos, como um processo social, no qual as relações de empatia são decisivas na estruturação do tecido social. É mediante a escuta e as conexões que se constrói o novo. "É necessário compartilhar ideias, mas por si só as ideias não funcionam; elas devem tornar-se 'carne'. As ações devem fertilizar o solo dia após dia" (n. 56).

Liturgia Diária
Semana Santa 2024

Imagens meramente ilustrativas.

Esta edição contém todas as celebrações da Semana Santa, desde o domingo de Ramos até o domingo da Páscoa. Além disso, traz a via-sacra, cantos próprios e outros elementos, com o conteúdo inteiramente colorido.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

LIÇÃO 6: *"Com frequência, encontramos informações rapidamente e sem o contexto completo e necessário.* Conseguimos reagir fácil e imediatamente às informações em uma tela, sem ir à procura da história completa" (n. 30).

Por vezes, nossa dificuldade de escutar atenta e afetivamente os acontecimentos nos impede de ter uma comunicação fluida e comprometida com a verdade. A forma superficial pela qual acessamos as informações na atualidade tem criado um ambiente propício para a disseminação de notícias falsas e desinformação.

> Experimentamos o excesso de informações, uma vez que nossa capacidade cognitiva de processar sofre com as informações excessivas à nossa disposição. De maneira semelhante, experimentamos um excesso de interação social, dado que estamos sujeitos a um alto nível de estímulos sociais (n. 32). [...] Neste ambiente nossa atenção não se concentra, enquanto procuramos navegar nesta rede sobrecarregada de informações e interações sociais. Em vez de nos concentrarmos em uma matéria de cada vez, nossa atenção parcial contínua passa rapidamente de um assunto para outro (n. 33).

Esse cenário aponta para uma dinâmica de acesso superficial aos conteúdos digitais, tendo em vista a diversidade de meios de acesso. Essa superficialidade e a rapidez com que os conteúdos são compartilhados e acessados chamam a atenção para o problema do uso dos meios de comunicação para a propagação de conteúdo desinformativo.

Segundo Cunha (2023, p. 71):

> do WhatsApp e do Telegram ao Facebook, do Twitter ao Instagram e ao YouTube, e, mais recentemente, o TikTok, para citar os aplicativos mais populares, o processo é simples: alguém, intencionalmente, produz e divulga uma mentira na internet, geralmente no formato de notícia, para criar mais veracidade, valendo-se até mesmo de dados científicos adaptados.

Desse modo, pelas rodovias digitais, vão sendo disseminados conteúdos que negam a ciência, interferindo assim em temas de interesse público, e incitam o ódio e a violência contra diversas minorias sociais.

LIÇÃO 7: *"Interações hostis, bem como palavras violentas e ofensivas, especialmente no contexto da partilha de um conteúdo cristão, gritam da tela* e representam uma contradição do próprio Evangelho" (n. 50).

Muitas vezes, a desinformação é impulsionada por grupos que se dizem cristãos, mas, em suas práticas, adotam discursos proselitistas, os quais chegam a ponto de incitar a violência contra determinados segmentos da sociedade em nome de Deus. O documento que nos serve de base para pensar as presentes lições exemplifica bem quanto o ambiente religioso e suas lideranças podem agir errado em vista da defesa de algo em que acreditam. "Os discípulos de Jesus repreenderam o cego e lhe disseram para ficar calado; a interação de Zaqueu com Jesus foi acompanhada pelos murmúrios de outras pessoas; o homem ferido foi simplesmente ignorado pelo sacerdote e pelo levita, que passaram e foram em frente" (n. 49).

Os discursos fundamentalistas, nas redes sociais, têm constituído um elemento básico para a propagação de desinformação. Para Cunha (2023, p. 23), alguns "grupos religiosos estão propensos não só a assimilar as notícias e ideias mentirosas que circulam pela internet coerentes com suas crenças, mas também a

fazer propagação, uma espécie de 'evangelização', disseminando essas notícias e ideias para converter pessoas ao mesmo propósito".

Tal cenário precisa provocar, em toda a comunidade cristã, uma revisão do seu agir: será que estamos desenvolvendo uma comunicação que cria pontes e conecta as pessoas, ou simplesmente estamos construindo muros e cercas? Ou, ainda pior, estamos incitando a violência e o ódio coletivo contra determinados grupos da sociedade, gerando morte, e não vida, ao contrário do que pedem os ensinamentos cristãos? Por isso, como cristãos, nossa tarefa é ocupar o espaço das redes sociais digitais com responsabilidade, sabendo que, de modo geral, "as pessoas procuram alguém que possa proporcionar orientação e esperança; elas têm fome de liderança moral e espiritual, mas nem sempre a encontram em lugares tradicionais" (n. 72).

Por fim, é necessário compreender bem isto: "O modo *como* dizemos algo é tão importante quanto o *que* dizemos. Toda a criatividade consiste em garantir que o *como* corresponda ao *quê*. Em síntese, só nos poderemos comunicar bem se 'amarmos bem'" (n. 65). É preciso, pois, diante dos desafios da sociedade atual, construir pontes que conectem pessoas e grupos, para que, juntos, seja possível esperançar uma nova sociedade. É necessário utilizar o potencial das redes sociais digitais para sermos uma presença efetiva e afetiva que comunica e transforma, promovendo ações comunicativas que contam histórias edificantes e constroem narrativas de esperança. VP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Ricardo Costa. *A comunicação da Igreja na América Latina*: o que nos ensinam os documentos do Celam. São Paulo: Paulus, 2023.

CNBB. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. 4. ed. Brasília, DF: Edições CNBB, 2023. (Documentos da CNBB, 99).

CUNHA, Magali do Nascimento. Comunicação para a paz no enfrentamento das *fake news* nas palavras do papa Francisco. *In*: TULLIUS, Marcus (Org.). *Comunicar para humanizar*: a comunicação a partir do papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2023. p. 71-74.

DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. *Rumo à Presença Plena*: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 28 maio 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html. Acesso em: 28 set. 2023.

EXTREMISMO nas redes é possibilitado por ambientes sociais personalizados, segundo Wilson Gomes. *Portal Metodista,* 23 ago. 2017. Disponível em: http://portal.metodista.br/poscom/noticias/2017/extremismo-nas-redes-e-possibilitado-por-ambientes-sociais-personalizados--segundo-wilson-gomes. Acesso em: 29 set. 2023.

GUIMARÃES, Joaquim Giovani Mol. Cultura do encontro ou encontro como cultura. *In*: TULLIUS, Marcus (Org.). *Comunicar para humanizar*: a comunicação a partir do papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2023. p. 19-26.

JUNIOR, Francisco Aquino. *Pastoral social*: dimensão socioestrutural da caridade cristã. São Paulo: Paulinas, 2016.

MIKLOS, Jorge. Religião e comunicação: sobre vínculos e comunhão. *In*: SEPAC; PUNTEL, Joana T. (Org.). *O humano na dinâmica da comunicação.* São Paulo: Paulinas, 2019. p. 29-39.

Neusa Santos*

*Ir. Neusa Santos é religiosa da CIIC, jornalista, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM. É assessora de comunicação da Conferência dos Religiosos do Brasil, redatora da *Revista Convergência* da CRB, membro da Comissão de Comunicação e Cultura Digital da Confederação Latino-americana e Caribenha dos Religiosos (Clar), foi coordenadora da Comissão de Comunicação do Ano Vocacional da CNBB e do Observatório de Comunicação Religiosa (OCR), membro da equipe de colunistas do portal Global Sisters Report.
E-mail: mndsanto@gmail.com

Vida religiosa e comunicação na era digital

Com base no documento intitulado "Rumo à Presença Plena", do Dicastério para a Comunicação do Vaticano – um estudo pastoral que reflete sobre a atuação e a presença nas redes sociais –, este artigo oferece um diálogo sobre as interações entre a comunicação e a era digital, conferindo especial ênfase à participação da vida religiosa nos meios digitais.

INTRODUÇÃO

A comunicação é um processo fundamental, que envolve a troca de informações, ideias, pensamentos, sentimentos ou mensagens entre indivíduos e grupos. É parte essencial da vida humana para o funcionamento da sociedade e pode ocorrer de várias maneiras: por meio de ações verbais (fala), escritas (textos, cartas, *e-mails*), visuais (imagens, gráficos, sinais) e não verbais (gestos, expressões e linguagem corporal).

A comunicação na era digital refere-se ao processo de troca de informações, ideias, mensagens e conteúdos por intermédio das tecnologias digitais e redes de comunicação, como a internet, os dispositivos móveis, as redes sociais e os aplicativos de mensagens. Partindo do princípio de que as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) fazem parte do nosso cotidiano, é interessante observar como elas têm contribuído para uma nova relação entre a sociedade e seus usuários. Dentre as novas experiências, destacam-se os novos usos do espaço público e as diferentes formas de relações sociais e de comunicação inseridas na sociedade em geral.

A transformação digital é um conceito amplo e importante nos dias contemporâneos, pois reflete a necessidade de as instituições e comunidades se adaptarem às mudanças tecnológicas a fim de se manterem relevantes e visibilizadas nos propósitos carismáticos ou comerciais. A transformação digital compreende a integração e o uso estratégico da tecnologia digital em todos os aspectos de uma organização. Isso envolve uma redefinição dos processos internos das instituições na adoção das novas tecnologias de comunicação para aproximar-se mais das diferentes realidades locais ou globais. "O advento da comunicação digital e seu desenvolvimento vêm forjando uma nova realidade mediática e contemporânea com grande transformação na constituição de imaginários e narrativas nas tecnologias comunicativas" (SANTOS, 2020, p. 69).

A comunicação na era digital é articulada pela velocidade dos *media* e das redes digitais, uma forma de comunicação que se tornou ubíqua e teve impacto significativo na maneira de as pessoas se conectarem, se comunicarem e reunirem informações. Há algumas características e alguns aspectos importantes da comunicação na era digital que precisam ser considerados, por exemplo a instantaneidade. É uma comunicação que se concentra em equilibrar as dimensões globais e locais nas interações e nas mensagens. Na era da globalização, essa comunicação pode viajar pelo mundo inteiro, mas também precisa ser adaptada para atender às necessidades e expectativas das comunidades locais. Ela permite a troca de mensagens em tempo real, independentemente da distância entre as partes envolvidas. Além da instantaneidade, existem vários outros pontos que tornam a comunicação na era digital uma forma poderosa de interação, tais como a acessibilidade e a globalização.

A acessibilidade diz respeito a uma comunicação amplamente disponível para grande parte da população, graças especialmente à disseminação de dispositivos móveis e do acesso à internet. A globalização refere-se às características de interconexão e interdependência crescentes dos meios de comunicação, das informações e das culturas em escala global. Ela é impulsionada, sobretudo, pela rápida evolução da tecnologia de comunicação e pela disseminação global das redes de comunicação, como a internet, as redes sociais, a televisão por satélite e os telefones móveis. Esse processo tem impactos significativos em vários aspectos da sociedade, incluindo o acesso à informação. A globalização na comunicação tornou possível o acesso a informações do mundo todo em tempo real. As notícias, o entretenimento, a educação e a cultura de diferentes partes do mundo estão ao alcance de qualquer pessoa com acesso à internet.

> "Um dos desafios mais significativos enfrentados pela vida religiosa é a necessidade de testemunhar a Boa-nova do Evangelho em meio à cultura digital."

Outro elemento de destaque é o intercâmbio cultural na comunicação, que se refere à troca de elementos culturais, valores, ideias, tradições, linguagem e expressões entre diferentes culturas pelos meios de comunicação, como a televisão, o cinema, a música, a literatura, a internet e as mídias sociais.

Esse aspecto é uma parte importante da globalização na comunicação, pois as tecnologias modernas permitiram que as culturas de todo o mundo interagissem e se influenciassem mutuamente de maneiras sem precedentes. Em campos como a música e o entretenimento, artistas de diferentes partes do mundo podem criar obras que combinem elementos de várias culturas, tais como a música *pop* latina ou a música eletrônica mescladas a influências africanas, por exemplo. É nesse processo de desenvolvimento tecnológico que nós, seres humanos, também nos transformamos em meio às evoluções tecnológicas. A era digital está girando de acordo com padrões muito diferentes de outras eras. É um desafio diário descobrir caminhos para entender a esfera digital.

A VIDA RELIGIOSA E A ESFERA DIGITAL

Um dos desafios mais significativos enfrentados pela vida religiosa é a necessidade de testemunhar a Boa-nova do Evangelho em meio à cultura digital. Como podemos ser um exemplo de esperança e comunhão quando as dinâmicas das mídias digitais, muitas vezes, promovem o individualismo? Como podemos abordar as questões sobre comunhão e participação, bem como as interações nas redes sociais, sem nos perdermos nesse cenário? Esse desafio nos convida a refletir sobre como a vida religiosa pode se adaptar e incorporar os valores

do Evangelho em um mundo cada vez mais voltado para o isolamento e a superficialidade das interações *on-line*. É um chamado a equilibrar a presença nas redes sociais com a presença real e significativa na vida das pessoas, buscando construir comunidades autênticas e promover a solidariedade em um ambiente digital muitas vezes marcado pela desconexão emocional. Nesse sentido, a vida religiosa enfrenta a tarefa de encontrar maneiras eficazes de conectar-se com as pessoas nas redes sociais.

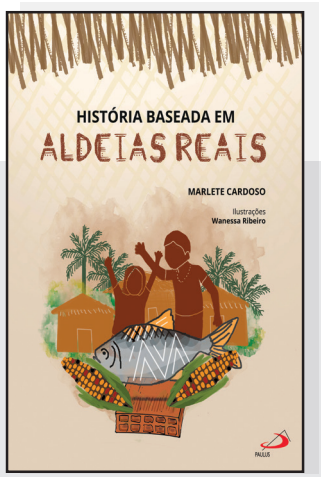
Para responder a essas e a outras perguntas, a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e a Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom), desde agosto de 2023, oferecem um curso *on-line* de comunicação aos religiosos e religiosas que buscam aprimorar a comunicação na era digital. Nesse contexto, a comunicação assume um papel fundamental. Em um mundo cada vez mais conectado, onde a tecnologia e a internet desempenham papéis essenciais, compreender e dominar as ferramentas e estratégias de comunicação é imprescindível para a eficácia do trabalho na vida religiosa, seja em âmbito interno ou externo, como a potencialização dos carismas congregacionais.

A comunicação efetiva é a ponte que conecta pessoas, comunidades e instituições. Ela permite que os valores e princípios da vida religiosa sejam transmitidos de forma clara e inspiradora, alcançando um público amplo e diversificado. Além disso, a era digital oferece oportunidades inigualáveis para disseminar a mensagem e criar um impacto positivo na sociedade, como aponta o papa Francisco (2014): "[...] a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos; e isto é uma coisa boa, é um dom de Deus".

A iniciativa supracitada visa promover a educação e o diálogo entre a vida religiosa e a esfera digital, oferecendo às instituições religiosas ferramentas e *insights* para compreender e responder, de maneira estratégica, aos desafios contemporâneos da comunicação no contexto digital. Busca aprimorar as habilidades de

História baseada em aldeias reais

Marlete Cardoso



40 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra convida a uma viagem cativante a uma aldeia habitada por um povo guarani, a qual aos poucos é invadida pela cidade. A proposta é mostrar a luta constante da aldeia para proteger a natureza e o seu modo de vida em sintonia com ela.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

comunicação da vida religiosa, tornando-a mais relevante e acessível às necessidades do mundo contemporâneo.

O Dicastério para a Comunicação do Vaticano lançou, no primeiro semestre de 2023, o documento *Rumo à Presença Plena: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais,* que analisa a "influência digital" e está dividido em quatro grandes partes. A parte I reflete sobre as "ciladas nas rodovias digitais", abordando os efeitos da digitalização, da revolução digital e do desenvolvimento da inteligência artificial, um processo que o documento reconhece que já vem ocorrendo ao longo das últimas três décadas, mas foi acelerado pela pandemia (n. 7). A parte II desenvolve o tema "Da consciência ao verdadeiro encontro", afirmando que a boa comunicação começa pela escuta e pela consciência de que há outra pessoa diante de mim.

O texto enfatiza que cada cristão é um influenciador, independentemente do número de seguidores nas plataformas digitais, e deveria estar ciente de seu potencial de influência. Daí a necessidade de tomar consciência do papel central que a liderança religiosa desempenha, para que haja boa comunicação. É hora de valorizar a missão da comunicação, alimentando a vida religiosa de uma cultura consciente da comunicação digital. É necessário acompanhar a era da digitalização de forma profissional, sobretudo em termos de comunicação institucional. Revela-se como algo crucial ter uma boa comunicação interna antes da comunicação externa. "Ao se valer da existência humana como fonte para a construção de suas narrativas, a sociedade midiatizada ancora-se nas imagens e nos significados como repertório compartilhado, como forma de estabelecer contato com a experiência de vida das pessoas" (SANTOS, 2020, p. 76).

A vida religiosa precisa de uma compreensão profunda do papel e da relevância da comunicação em todas as dimensões internas e externas da instituição. Certamente, entre os diversos grupos e congregações religiosas, existem muitos desafios quando se trabalha nas redes sociais, desde a falta de conhecimento técnico e linguístico até o analfabetismo digital. Essas dificuldades, muitas vezes, resultam na invisibilidade dos carismas, mesmo em países onde as congregações têm presença estabelecida.

Um dos desafios de hoje é estar nos ambientes digitais para ir ao encontro daqueles que, efetivamente, pedem evangelização. É necessário formar e informar a vida religiosa para que habite as redes sociais de forma consciente e efetiva. Na era digital, é-lhe fundamental equipar-se com ferramentas, canais e serviços técnicos para conectar-se com os indivíduos e as comunidades, usando todas as variáveis disponíveis, além de produzir novos conteúdos que acompanhem as mudanças da sociedade e do mundo em que vivemos, de modo que respondam às necessidades que impulsionam e movem as pessoas.

Certa vez, em um encontro com a vida religiosa, o doutor Paolo Ruffini, prefeito do Dicastério para a Comunicação do Vaticano, disse:

> As mulheres e os homens consagrados podem ajudar toda a Igreja a tecer, por meio da comunicação, uma rede que não só se contenta em interligar, mas traduz a mensagem do Evangelho no mundo multimídia sem apagar as histórias e culturas de cada país e a especificidade de cada língua.[1]

"A Era digital oferece oportunidades inigualáveis para disseminar a mensagem e criar um impacto positivo na sociedade."

[1] Encontro *on-line* da União Internacional de Superioras Gerais (UISG) em fevereiro de 2023.

CONCLUSÃO

Impõe-se o desafio de promover o encontro e superar as barreiras entre as redes sociais e as comunidades religiosas, empreitada que demanda uma abordagem cuidadosa, sensível e inclusiva. Trata-se de desafio constante, que requer paciência, compreensão e compromisso sincero com o diálogo e a colaboração. A "construção de pontes" entre esses dois universos distintos pode oferecer benefícios significativos à evangelização, fomentando o diálogo, a compreensão e a disseminação da fé.

A presença nas redes está se tornando uma extensão natural da vida religiosa para muitos, mas ainda há longo caminho a percorrer a fim de estabelecer conexões significativas e promover a comunhão. Conforme enfatizado no n. 45 do documento do Vaticano, a comunicação começa com a conexão e evolui para os relacionamentos, a comunidade e a comunhão. O que caracteriza uma presença plena nos ambientes digitais, portanto, é a habilidade de interagir, estabelecer relacionamentos e gerar uma *comum-unidade*. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

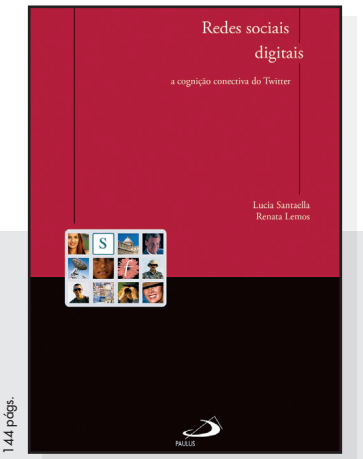
DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. *Rumo à Presença Plena*: uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 28 maio 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html. Acesso em: 10 set. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais*: comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro (1 jun. 2014). Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 24 jan. 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 13 set. 2023.

SANTOS, M. Neusa dos. *Narrativas digitais nas redes sociais*: a construção do imaginário religioso na visibilidade mediática. 2020. Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2020.

Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter

Lucia Santaella / Renata Lemos



144 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Este livro explora as questões fundamentais que as redes sociais levantam, utilizando o Twitter como um exemplo em destaque. O Twitter funcionou neste livro como mirante privilegiado para pensar as questões teóricas, críticas e práticas que as redes digitais estão trazendo.

Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Leônidas Inácio Felix*

*Pe. Leônidas Inácio Felix (diocese de Grajaú-MA) é licenciado em Filosofia e Pedagogia, bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Católica de Quixadá (CE) e especialista em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. *E-mail*: lifelix.cl@gmail.com

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO ENTRE **A PASTORAL E A CULTURA DIGITAL CONTEMPORÂNEA**

O objetivo deste artigo é abordar a importância da relação entre a pastoral e a cultura digital contemporânea, levando em conta as atividades pastorais desenvolvidas nas dioceses de Quixadá e Grajaú, no Nordeste do Brasil, e destacando como tais atividades são influenciadas por essa nova cultura.

INTRODUÇÃO

No intuito de aprofundar a relação entre pastoral e cultura digital, acentuamos neste artigo algumas expressões, as quais integram, no campo pastoral, o aporte que a cultura digital contemporânea alcança neste novo cenário. É bem verdade que atualmente já não convém excluir as ferramentas digitais do âmbito da pastoral; ao contrário, é preciso aprender também com esses recursos, que servem para auxiliar no caminho da evangelização. Cabe perceber que, ao longo da história da Igreja, a Palavra divina já foi dita de distintas formas; sem dúvida, usufruir desses meios digitais também é oportunidade para alcançar aqueles que ainda não conheceram a Verdade – que, para nós, cristãos, se encontra em Jesus de Nazaré.

Durante dois anos, estive acompanhando as atividades pastorais em seis comunidades da zona rural pertencentes à paróquia de São Miguel Arcanjo, na diocese de Quixadá, no Ceará. Ali, as redes sociais se resumem quase somente ao WhatsApp, uma vez que é um meio mais prático de lidar. Geralmente, as comunidades organizam seus compromissos por meio dessa ferramenta. Além das mensagens particulares, a comunicação se dá nos grupos de WhatsApp, como também por meio do Facebook, no intuito de que todos se organizem para colaborar com o andamento das atividades pastorais.

Por questões da necessidade da missão, também estou presente na diocese de Grajaú, no estado do Maranhão. Ali é notório que as redes sociais são mais influentes, tendo em vista as longas distâncias, que muitas vezes dificultam a participação dos fiéis nas celebrações litúrgicas. Nesse contexto, as redes sociais se mostram bem eficazes para favorecer a comunicação da Palavra e, sobretudo, para atender às necessidades espirituais daqueles que, por motivos diversos, se encontram impossibilitados de se aproximar da Eucaristia de forma presencial.

1. POSSIBILIDADES OFERECIDAS PELA CULTURA DIGITAL À PASTORAL

De acordo com nossos estudos, a pastoral digital desdobra-se no âmbito da rede, sobre a rede e a partir da rede. Dessa maneira, cabe perceber que esse novo ambiente, que desponta, sobretudo, no século XXI, constitui não apenas um lugar onde as pessoas se comunicam, mas também um espaço onde os internautas habitam, convivem e crescem juntos, em um novo modo de viver. Um acontecimento que trouxe inovações ao meio digital foi a pandemia da Covid-19. Naquela ocasião, de forma mais acentuada a partir de março de 2020, o mundo precisou se reorganizar, e, consequentemente, a Igreja também necessitou dar alguns passos novos, até então nunca empreendidos. Esse novo percurso denomina-se "cultura digital e pastoral".

Daí resulta que nossa ação pastoral, como Igreja, precisa estar articulada com esse novo horizonte. Faz-se necessário rever nossas formas de evangelizar; indagar-nos por que estamos perdendo tantos fiéis ou, ainda, quais os meios eficazes de evangelização concernentes ao século XXI. O papa Francisco alerta sobre essa problemática com as seguintes palavras:

> Viemos de uma prática pastoral secular, em que a Igreja era o único ponto de referência da cultura. [...] Mas não estamos mais nessa época. Ela passou. Não estamos na cristandade, não mais. Hoje, não somos mais os únicos que produzem cultura, nem os primeiros, nem os mais ouvidos. Precisamos, portanto, de uma mudança de mentalidade pastoral (FRANCISCO, 2014).

Nesse sentido, estamos diante de novos desafios. Passou o tempo em que apenas o sacerdote tinha o conhecimento das letras sagradas; agora, esse conhecimento chega

"Não se pode negar que, por trás das tecnologias digitais, se encontram, em larga escala, interesses econômicos que cotidianamente têm comprometido sobretudo as pessoas mais simples."

também a outros membros da vida eclesial e alcança outros campos da sociedade. Sem dúvida, os meios digitais contribuíram para intensificar esse novo jeito de evangelizar, como fator presente na vida da Igreja, também entre os jovens, conforme afirma o papa Francisco: "Em muitos países, a *web* e as redes sociais já constituem um lugar indispensável para se alcançar e envolver os jovens nas próprias iniciativas e atividades pastorais" (FRANCISCO, 2019, n. 87). Assim sendo, cumpre-nos abraçar com honestidade esse modo inovador de transmitir a mensagem cristã, de modo que a Boa-nova possa alcançar a vida de tantos irmãos e irmãs que precisam fazer a experiência com o Mestre, Jesus de Nazaré.

2. OS DESAFIOS PARA VERDADEIRA "INCULTURAÇÃO DIGITAL" DA PASTORAL

Os desafios inerentes a esse processo de inculturação digital são cada vez mais determinantes. Por exemplo, quando se anuncia que a celebração litúrgica irá acontecer, naturalmente as pessoas já perguntam: "Qual será o *link* da transmissão? Poderia enviar-me antes de começar a santa missa?" Em outras palavras, parece que estamos perdendo o cuidado, a devoção e a piedade perante o culto cristão. Nesse sentido, observamos que a participação presencial está diminuindo cotidianamente. Além disso, fica a pergunta: será que aquela pessoa que está observando a liturgia apenas através da tela está participando do momento celebrativo? Em contrapartida, quando se fala de um acompanhamento pessoal e espiritual, aí, sim, talvez seja mais compreensível a superação da distância por meio da modalidade *on-line* ao vivo. Recorremos ao seguinte argumento:

> O acompanhamento espiritual do fiel não precisa mais ter hora marcada com o sacerdote ou religioso, pois agora pode ser feito a qualquer momento, em casa, no horário de trabalho, ou mesmo em trânsito. O sistema se encarrega de mediar essa conversação, apesar dos tempos *off-line* da vida cotidiana (SBARDELOTTO, 2012, p. 315).

Assim sendo, os empecilhos geográficos já não influem na prática de determinadas atividades pastorais, uma vez que a cultura digital atravessa fronteiras. Com efeito, é comum vermos faculdades e escolas de educação católicas realizando cursos e formações *on-line* ao vivo. Por conseguinte, os sacerdotes e as lideranças da Igreja já não podem querer esquivar-se desses artifícios tecnológicos nem descrer da capacidade deles de comunicar a Boa-nova de Jesus Cristo. Em outras palavras, não podemos excluir o uso desses meios digitais na Igreja, mas, sem dúvida, é preciso catequizar os fiéis e compreender que a cultura digital não pode excluir a presença real da Eucaristia, ou seja, a participação ativa dos fiéis, pois a Igreja crê naquilo que ela reza.

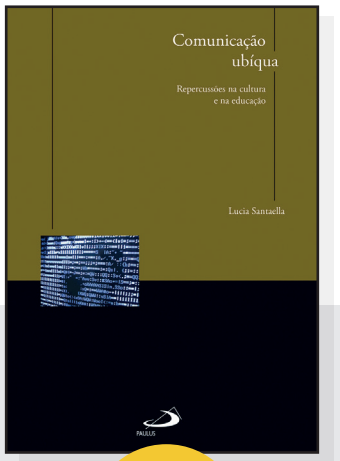
3. PRINCIPAIS RISCOS QUE OS AMBIENTES E PRÁTICAS DIGITAIS APRESENTAM À AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA

É importante frisar que a prática digital traz diversos riscos à ação evangelizadora da Igreja. Um dos problemas constatados consiste em que os fiéis podem cair na fraqueza de acreditar que a celebração eucarística, por exemplo, tem a mesma eficácia tanto na modalidade presencial quanto na digital. É bem verdade que o sacramento em si é o mesmo, uma vez que Cristo não depende de nossas ferramentas; todavia, participar da liturgia de forma presencial tem um significado muito mais relevante. Disso resulta que precisamos catequizar autenticamente as pessoas, a fim de que possam compreender que a celebração eucarística transmitida por meio das redes sociais tem o intuito de favorecer a participação de fiéis impossibilitados de comparecer presencialmente – por exemplo, idosos, pessoas que moram distante das igrejas etc.

Dessa maneira, é preciso reeducar os fiéis, de sorte que se compenetrem de que a celebração eucarística é um acontecimento e, portanto, a ação celebrativa acontece de forma presencial, uma vez que é um fato único, irrepetível, conforme crê a Igreja. De outra parte, não se pode negar que, por trás das tecnologias digitais, se encontram, em larga escala, interesses econômicos que cotidianamente têm comprometido sobretudo as pessoas mais simples que compõem a pastoral digital na Igreja. Nesse sentido, é valioso citar o entendimento do papa Francisco, quando diz: "Não se deve esquecer que há interesses econômicos gigantescos que operam no mundo digital, capazes de realizar formas de controle que são tão sutis quanto invasivas, criando mecanismos de manipulação das consciências e do processo democrático" (FRANCISCO, 2019, n. 8). Francisco se refere à questão dos algoritmos

Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação

Lucia Santaella



376 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Redes sem fio são a tônica tecnológica do momento. Este livro examina, sob variados ângulos, como, em função da hipermobilidade, nos tornamos seres ubíquos, intermitentemente presentes e ausentes, e quais os efeitos colaterais que tal condição acarreta.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

"É importante integrar a participação dos jovens nesse campo pastoral, uma vez que são eles os mais inclinados a lidar com os avanços tecnológicos."

e sua capacidade de prever comportamentos e modos de pensar, criando "bolhas" de pensamento cujos efeitos se desdobram na erosão gradual do processo democrático.

Para além dessa constatação do papa Francisco, observa-se que frequentemente nossas lideranças são motivadas a adquirir celulares de última geração, no intuito de obter as melhores ferramentas para fortalecer suas atividades pastorais. Essa iniciativa, que parece positiva, acaba por onerar sem necessidade o orçamento familiar. As pessoas chegam até a ponto de deixar de comprar alimentos mais saudáveis para adquirir aparelhos eletrônicos que favoreçam a comunicação ou simplesmente satisfaçam a vontade dos filhos.

Diante desse cenário, é importante ter um pouco de cautela, a fim de que nossas iniciativas não sufoquem os mais pobres, incitando os fiéis a adquirir aparelhos eletrônicos para assistir à missa pelas redes sociais. Esse papel de publicidade e propaganda cabe às empresas, enquanto a nós, que somos Igreja peregrina de Jesus Cristo, pertence a tarefa de evangelizar e propagar a Boa-nova de Jesus Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura digital e pastoral constitui uma ferramenta primordial para colaborar com a evangelização. Assim sendo, é importante integrar a participação dos jovens nesse campo pastoral, uma vez que são eles os mais inclinados a lidar com os avanços tecnológicos. Dizendo de outra forma, é uma oportunidade para dar continuidade à participação da juventude, também àqueles que foram crismados recentemente e necessitam sentir-se parte integrante da Igreja.

Nessa abertura a um novo jeito de evangelizar, agora, de forma mais acentuada neste dois últimos anos pós-pandemia, é necessário tomar consciência de que precisamos implementar a pastoral da acolhida. Voltemos às palavras de nosso Senhor, que diz: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10,10). Assim, conforme as orientações do papa Francisco, "da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído" (FRANCISCO, 2013, n. 3). Ou seja, o Reino de Deus é para todo o povo, uma vez que o Senhor mesmo é a verdadeira alegria que não passa.

Para critérios de especificação, necessitamos considerar que todo projeto de evangelização pertence à seara de Jesus Cristo, como ele mesmo esclarece em seus ensinamentos: "Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas" (Jo 10,11). Naturalmente, segundo a missão que nos é confiada pelo batismo e pela ação do Espírito Santo, por meio do sacramento do matrimônio ou da ordem ou até mesmo mediante a vocação laical, todos somos chamados a ser pastores no ambiente digital, ou seja, a ser um/a irmã/o que cuida do outro, sem esquecer que também somos "ovelhas" que caminham com Jesus Cristo, pois somente ele é o Pastor capaz de nos conduzir à vida plena. VP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

FRANCISCO, Papa. *Christus Vivit*: Exortação Apostólica Pós-sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html. Acesso em: 11 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html. Acesso em: 17 jun. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 11 out. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. *Redemptoris Missio*: Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 11 out. 2023.

SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit*: a comunicação e a experiência religiosa na internet. Aparecida, SP: Santuário, 2012.

SBARDELOTTO, Moisés. Pastoral e internet: novas relações com o tempo, o espaço e a realidade. *O Mensageiro de Santo Antônio*, Santo André, out. 2015.

Reinvenção da Igreja no mundo urbano: as contribuições de José Comblin para um outro sistema paroquial na cidade

Miguel Debiasi

328 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Uma interlocução com o teólogo José Comblin, com seus escritos relacionados ao Concílio Vaticano II, por sua visão crítica em relação às estruturas eclesiásticas e ao desafio de atualização da Igreja.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Darlei Zanon*

Algorética: dilemas e debates ligados à inteligência artificial

*Darlei Zanon é natural de Carlos Barbosa-RS. Após a formação em Filosofia (PUC-Campinas) e Teologia (Faje), especializou-se em Comunicação Jornalística (Cásper Líbero), com mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação pelo ISCTE-IUL (Lisboa). É autor dos livros ***Para ler o Concílio Vaticano II*** (2012), ***Igreja e sociedade em rede*** (2019), ***Comunicar o Evangelho*** (2021) e ***Simplesmente José*** (2022).
E-mail: darlei.zanon1978@gmail.com

Do caixa eletrônico às redes sociais, tudo hoje é determinado por algoritmos. Isso para não mencionar assistentes automatizados, medicina diagnóstica, mísseis teleguiados e tudo que exige atividades repetitivas. Os algoritmos estão intimamente ligados à inteligência artificial, tanto que muitas vezes se confundem. Associadas, essas tecnologias acabaram conquistando um poder enorme, definido pelo termo "algocracia", que compreende tanto o poder do algoritmo em si como o exercício do poder por meio do algoritmo. Fato é que eles estão influenciando cada vez mais a sociedade, a economia, a política e tudo o que envolve a sociedade humana. Diante disso, é urgente pensar e estabelecer princípios éticos, surgindo assim um neologismo: "algorética". De que se trata? Quais seus princípios fundamentais? O que a Igreja tem a dizer ou contribuir nesse debate? Eis aqui uma sucinta introdução ao tema.

"Até que ponto é lícito utilizar uma tecnologia para fazer renascer uma pessoa? Até que ponto é ético atribuir a uma pessoa palavras e ações que ela não disse ou fez?"

INTRODUÇÃO

Em julho passado, para celebrar os setenta anos de sua presença no Brasil, a Volkswagen lançou uma campanha publicitária na qual apresentava a falecida Elis Regina e sua filha, Maria Rita, em um dueto, cantando *Como nossos pais*, de Belchior. O filme, de dois minutos, apela às nossas memórias afetivas ao relembrar os carros da marca que fizeram história nas ruas brasileiras e ao promover a chegada de dois futuros modelos de Kombi elétrica, o ID.4 e o ID.Buzz. A produção gerou muitos debates por usar recursos de inteligência artificial (IA). Até que ponto é ético usar a imagem de uma pessoa falecida, num contexto diferente, com fins comerciais/publicitários (ou não)?

O Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar) abriu representação ética contra a campanha, motivado, segundo a organização, por queixas do público. Em nota, o Conar diz que os consumidores "questionam se é ético ou não o uso de ferramenta tecnológica e IA para trazer pessoa falecida de volta à vida". Além disso, aponta questões sobre "o respeito à personalidade e existência da artista, e a veracidade". A Volkswagen, por sua vez, defende a campanha, afirmando que a ação teve, além de alto índice de aprovação, a anuência da família da artista.

Recordemos que Elis Regina faleceu em 1982, quando sua filha, Maria Rita, hoje também cantora, era ainda pequena. Segundo a própria Maria Rita, que exaltou a campanha em suas redes sociais, a produção possibilitou a realização de um sonho: cantar ao lado da mãe. Os comentários e posições foram muito variados, de amor e ódio, com diversas manifestações nas redes sociais, *sites*, meios de comunicação etc., desde quem achou a peça linda e fantástica até os que afirmaram ser horrível e degradadora da dignidade humana.

A tecnologia utilizada (chamada *deepfake*) é já bastante comum no mundo cinematográfico, mas não na publicidade, por isso as polêmicas. Gera uma confusão entre ficção e realidade para alguns, principalmente crianças e adolescentes, e aqui estamos chegando ao ponto central do qual este artigo procura tratar, a questão ética da tecnologia, especialmente da IA. Mais especificamente, a questão da algorética, ou seja, da ética ligada aos algoritmos que determinam a comunicação digital e as diversas ferramentas de IA, hoje em progressiva ascensão. Até que ponto é lícito utilizar uma tecnologia para fazer renascer uma pessoa? Até que ponto é ético atribuir a uma pessoa palavras e ações que ela não disse ou fez? Pelo fato de a tecnologia nos dar a possibilidade de "construir" tais situações, significa que "podem" ou "devem" ser feitas? E se a mesma tecnologia ou "lógica" chegar a outros âmbitos, mais especificamente à política e à religião, o que podemos esperar? Já vimos fotos do papa andando de *skate* na praça de São Pedro, mas e se surgir um vídeo de qualquer papa, por exemplo, defendendo o aborto, a guerra e assim por diante? Como identificar que é *deepfake*? Qual é o limite do uso da tecnologia para produzir "realidades"?

1. MUDANÇA DE ÉPOCA

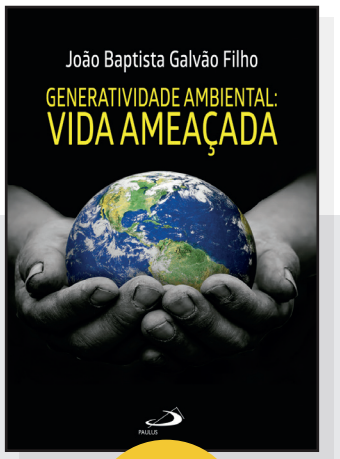
A campanha publicitária da Volkswagen é apenas um pequeno exemplo das possibilidades trazidas pelo desenvolvimento da IA. Todo dia enfrentamos uma enxurrada de notícias, imagens, vídeos e textos frutos da IA, uma tecnologia que não é nova, mas está experimentando verdadeira transformação, revolucionando todas as dimensões da nossa vida, desde o mundo profissional até o entretenimento, passando pela educação, relacionamentos, vivência da fé e assim por diante.

A inteligência artificial (e os algoritmos, que são seu coração) é onipresente na nossa vida atual, escolhendo os anúncios que visualizamos e as vias pelas quais trafegamos, selecionando o melhor candidato para uma entrevista de emprego, fazendo diagnósticos médicos, atendendo telefonemas, otimizando a logística, avaliando nossa confiabilidade financeira em vista de empréstimos bancários, monitorando o crescimento das florestas, os movimentos das marés, as migrações de pássaros, as chuvas e terremotos, ensinando novas línguas ou qualquer outro tema que nos interessar... Enfim, da cibersegurança à administração pública, a IA está presente em todos os setores do mundo contemporâneo. É difícil apontar se essa tecnologia é boa ou má. Para fazer referência ao clássico de Umberto Eco, *Apocalípticos e integrados*, alguns dirão que ela representa o fim do mundo, enquanto outros sustentarão que é um passo para a evolução da espécie, rumo ao *Homo algoritmus*. Como ferramenta ou instrumento, portanto, seu impacto no mundo depende sobretudo do seu uso, da sua projetação, programação e controle. Daí a necessidade de uma ética para a IA e para os algoritmos.

O que, porém, significa exatamente este neologismo: *algorética*? Trata-se da investigação dos problemas éticos ligados ao uso de inteligência artificial e, particularmente, de ferramentas/instrumentos baseados em algoritmos. O ser humano e a máquina nunca

Generatividade ambiental: vida ameaçada

João Baptista Galvão Filho



200 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

O livro apresenta demonstrativos dos efeitos climáticos, conceitos e um possível caminho generativo para enfrentar os desafios da relação entre indústrias e conjuntos ambientais.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

"A inteligência artificial (e os algoritmos, que são seu coração) é onipresente na nossa vida atual, escolhendo os anúncios que visualizamos e as vias pelas quais trafegamos."

estiveram tão unidos, por isso é necessário refletir sobre a boa relação entre ambos. Se queremos que as máquinas sejam um suporte à humanidade e ao bem comum, sem jamais tomar o lugar dos seres humanos, é necessário estabelecer parâmetros e valores éticos, e não apenas numéricos.

Alguns princípios podem ser importados da filosofia, mas, como estamos falando de algo completamente novo, de uma mudança de época, novos princípios e parâmetros devem ser criados. Esses critérios humanos e éticos devem servir como limitadores, como linhas guias, para ajudar a delimitar e orientar o avanço da IA, sobretudo no campo político, médico, econômico e social.

Há, ao menos, dois aspectos centrais relacionados ao modo como desenvolver eticamente os algoritmos: uma ética das próprias máquinas (ligada aos engenheiros e programadores, que devem incluir princípios éticos no seu projeto, evitando limitações que vão contra algum valor – que prejudiquem alguém, por exemplo – ou vão contra os direitos fundamentais; chama-se *ethical by design*) e a de quem projeta (estabelecendo um código de ética bem rígido, que inclua transparência, boas práticas, punições, responsabilidade etc.; chama-se *ethical in design*).

Algumas das grandes questões ligadas à algorética, por exemplo, buscam estabelecer de quem é a responsabilidade, que regulamento seguir, quais valores e princípios morais devem guiar as decisões, que decisões tomar. Grande preocupação hoje é não deixar processos decisórios delegados à IA, ou, ao menos, não somente a ela. Deve haver colaboração e responsabilização.

É fundamental criar regras e normas, leis e parâmetros éticos claros e objetivos. Alfonso Celotto chega a ponto de falar da necessidade de um "código de direito algorítmico" (CELOTTO, 2020). Os governos e instituições nacionais e internacionais já estão se mobilizando para estabelecer normas e leis que delimitem o desenvolvimento da IA. A Comissão Europeia, por exemplo, estabeleceu sete elementos fundamentais para uma IA de confiança, divulgados no documento *Orientações éticas para uma IA de confiança*. Segundo o documento, aprovado no dia 8 de abril de 2019, uma IA de confiança tem três dimensões que devem ser observadas ao longo de todo o ciclo de vida do sistema: a) deve ser *legal*, cumprindo toda a legislação e regulamentação aplicáveis; b) deve ser *ética*, garantindo a observância de princípios e valores éticos; c) deve ser *sólida*, tanto do ponto de vista técnico como do ponto de vista social, uma vez que, mesmo com boas intenções, os sistemas de IA podem causar danos não intencionais. Cada uma dessas dimensões é necessária, mas não suficiente, para alcançar uma IA de confiança.

2. E A IGREJA, O QUE TEM A DIZER?

Diante desse cenário, é justo nos perguntarmos como a Igreja pode contribuir, visto que ela é "especialista em humanidade", além de ter longa experiência na relação com a tecnologia, por meio da sua Doutrina Social. A dignidade e os direitos humanos nos dizem que o ser humano deve ser protegido na relação com as máquinas e a IA. Sempre que a máquina não souber se está protegendo com certeza o valor humano, ela deve exigir a ação do ser humano. Falamos de uma IA que deve colocar o ser humano no centro (*human-centered design*). Esse é o ponto

de partida para desenvolver nova gramática digital e nova linguagem que culminará na algorética.

Dom Vicenzo Paglia, presidente do Pontifício Conselho para a Família, na ocasião em que assinou o *Rome Call for AI Ethics*, expressou muito bem o motivo pelo qual a Igreja tem se apresentado como protagonista na discussão sobre a algorética. Nas palavras do arcebispo:

> sentimos a obrigação de entrar nesse contexto, de entrar nessa máquina que não só está dando os primeiros passos como já se encontra numa perspectiva de forte evolução. O progresso da tecnologia é muito mais rápido do que o da política, da economia, da ética e da dimensão humanística, por isso é necessário um diálogo responsável dentro dessas novas fronteiras. [...] No momento de redigir e assinar o *Apelo* cunhamos o termo *algorética*, porque também os algoritmos precisam de uma dimensão moral. Precisamos evitar uma ditadura dessas novas tecnologias e que quem detém o *big data* faça o que quiser com ele. E não queremos que o desenvolvimento tecnológico ocorra fora de uma perspectiva humanista (Roma, 28 fev. 2020).

O *Rome Call for AI Ethics* (*Apelo de Roma para uma Ética da IA* – cf. www.romecall.org/the-call/) é um documento assinado pela primeira vez em 28 de fevereiro de 2020, em Roma, para promover uma abordagem ética da inteligência artificial. O documento apresenta uma estrutura bastante simples, focada em três áreas de impacto (ética, educação e direito) e em seis princípios éticos fundamentais (transparência, inclusão, responsabilidade, imparcialidade, confiabilidade e segurança/privacidade). A ideia por trás do *Apelo* é promover um senso de responsabilidade compartilhada

Quando a fé se torna social

Antonio Spadaro

48 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

O desafio não deve ser como "usar" bem a rede, como frequentemente se crê, e sim como "viver" bem nos tempos da rede. A rede não é um novo "meio" de evangelização, mas um contexto no qual a fé é chamada a se exprimir.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

entre organizações internacionais, governos, instituições e empresas de tecnologia no esforço para criar um futuro em que a inovação digital e o progresso tecnológico devolvam ao ser humano sua centralidade. Apontando para uma futura algorética, os signatários se comprometeram a desenvolver uma IA que sirva a cada pessoa e à humanidade como um todo; que respeite a dignidade da pessoa humana, para que cada indivíduo possa se beneficiar dos avanços da tecnologia; e que não tenha como único objetivo maior lucro ou substituição gradativa de pessoas no local de trabalho. Os primeiros signatários foram o Vaticano, a Microsoft, a IBM, a FAO e o Ministério Italiano para a Inovação. Em janeiro de 2023, deu-se novo passo, com a assinatura da Fundação RenAIssance (Vaticano), do Fórum para a Paz (Abu Dhabi) e da Comissão de Relações Inter-Religiosas do Rabinato-Chefe de Israel.

A RenAIssance é uma fundação ligada à Pontifícia Academia para a Vida, criada em abril de 2021 exatamente para acompanhar a ética e o desenvolvimento da IA. Essa academia, ligada ao Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, é certamente o braço do Vaticano que mais tem se comprometido com o debate sobre a algorética, dedicando suas últimas assembleias plenárias ao tema. Em 2019 o tema escolhido foi "Roboética: humanos, máquinas e saúde". No ano seguinte, a assembleia foi dedicada ao tema "O 'bom' algoritmo: IA, ética, lei e saúde", sendo o último dia aberto a todos os interessados, em um seminário intitulado "RenAIssance: uma IA centrada no ser humano".

3. CAMINHO ABERTO

Ao falar de algorética, emergem muito mais perguntas do que respostas. São inúmeras as inquietações, dúvidas, possibilidades. Uma coisa, no entanto, é consensual: trata-se de um problema ético e filosófico, antes que tecnológico, na medida em que, se quisermos confiar competências humanas – de compreensão, de julgamento e de autonomia de ação – a sistemas de *software* de inteligência artificial, é preciso entender o valor, em termos de conhecimento e de capacidade de ação, desses sistemas que pretendem ser inteligentes e cognitivos.

Para poder desenvolver uma algorética, é preciso esclarecer de que tipo de valor estamos falando. Já não se trata de valores de natureza numérica, mas de valor moral. É urgente estabelecer uma linguagem que traduza o valor moral em algo claro e computável para a máquina, ou seja, em valor numérico. Isso é importante, porque, na atualidade, a tecnologia, a IA e os algoritmos impactam diretamente todos os âmbitos da nossa vida. Falar de algorética significa compreender que os algoritmos estão, cada vez mais, tomando decisões pelo ser humano, sobre o ser humano e com o ser humano, e isso deve nos ajudar a superar uma concepção meramente instrumental da tecnologia.

Gostaria de concluir este artigo com uma indicação muito precisa do papa Francisco, que se mostra sempre muito atento ao tema da ética e do desenvolvimento da inteligência artificial, a ponto de escolher esse tema para sua mensagem do próximo Dia Mundial das Comunicações: *Inteligência artificial e sabedoria do coração: por uma comunicação plenamente humana*. Em diversos momentos, o papa se manifestou sobre o tema da algorética. No início de 2023, em seu discurso aos participantes no encontro "Rome Call", promovido pela Fundação RenAIssance, assim afirmou:

> Todos sabemos como a inteligência artificial está cada vez mais presente em cada aspecto da vida diária, tanto pessoal como social. Incide no nosso modo de compreender o mundo e a nós mesmos. As inovações nesse campo significam que estes instrumentos são cada vez mais decisivos na atividade e até nas decisões

humanas. Por conseguinte, encorajo-vos a prosseguir nesse esforço. Apraz-me saber que também pretendeis envolver as outras grandes religiões mundiais e homens e mulheres de boa vontade para que a algorética, ou seja, a reflexão ética sobre o uso de algoritmos, esteja cada vez mais presente não só no debate público, mas também no desenvolvimento de soluções técnicas. [...] As adesões à "Rome Call", que aumentaram com o tempo, são um passo significativo para a promoção de uma antropologia digital, com três coordenadas fundamentais: ética, educação e direito (FRANCISCO, 10 jan. 2023). VP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CELOTTO, Alfonso. *Verso l'algoretica*: quali regole per le forme di intelligenza artificiale?, 2020. Disponível em: https://www.universitaeuropeadiroma.it/jeanmonnetchair/euinno/wp-content/uploads/2020/06/02-Celotto-017-030.pdf. Acesso em: 11 out. 2023.

COMISSÃO EUROPEIA. *Orientações éticas para uma IA de confiança,* 2019. Disponível em: https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/d3988569-0434-11ea-8c-1f-01aa75ed71a1/language-pt/format-PDF. Acesso em: 11 out. 2023.

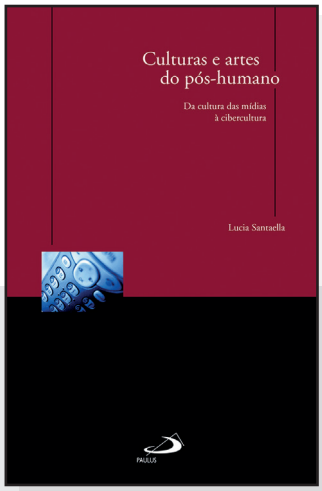
FRANCISCO, Papa. *Discurso aos participantes na plenária da Pontifícia Academia para a Vida*, 28 fev. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2020/february/documents/papa-francesco_20200228_accademia-perlavita.html. Acesso em: 11 out. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos participantes no encontro "Rome Call" promovido pela Fundação RenAIssance*, 10 jan. 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/january/documents/20230110-incontro-romecall.html. Acesso em: 11 out. 2023.

SANTAELLA Lucia. *Neo-humano*: a sétima revolução cognitiva do Sapiens. São Paulo: Paulus, 2022.

Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura

Lucia Santaella



360 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O que está acontecendo com a interface ser humano-máquina e o que isso está significando para a comunicação e a cultura do início do século 21? As respostas para essas questões, sempre tentativas em tempos de incerteza, pretendem repensar o humano neste alvorecer do "vir a ser" tecnológico do mundo.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Maicon André Malacarne*

Acesse também o programa Palavra Viva pelo QR code ao lado.

Cada um dos roteiros está acompanhado de códigos QR que remetem para as plataformas digitais de músicas Spotify e YouTube Music e trazem sugestões de cantos para a respectiva celebração. Ouça os álbuns Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.

3º DOMINGO DA QUARESMA
3 de março

Jesus Cristo é o novo templo e a nova lei!

I. INTRODUÇÃO GERAL

O 3º domingo da Quaresma põe no centro os fundamentos do judaísmo – a Lei e o templo. Com o Evangelho, Jesus inaugurou nova forma de experiência religiosa – a nova Lei é fazer a vontade do Pai e o novo templo é seu corpo ressuscitado. São Paulo, na primeira carta aos Coríntios, traduz a "sabedoria da cruz"; ou seja, aquilo que o mundo considera fraqueza, loucura, é a força e a sabedoria de Deus. Trata-se de sabedoria nova, que lança luzes sobre novo estilo de vida, pessoal e comunitário, a ser assumido por todos os seguidores de Jesus.

Nosso empenho quaresmal precisa nos levar a assumir nova relação com o Pai, sustentada pelo dom, pela graça, pela aliança, pelo amor, pela vida, superando a tendência de "troca de favores" e de "cumprimento de normas". O biblista italiano Ermes Ronchi, presbítero da Ordem dos Servos de Maria, ajuda-nos a abrir o mapa desta reflexão: "Se pudéssemos aprender a caminhar pela vida, nas ruas de nossas cidades, dentro de nossas casas e, gentilmente, na vida dos outros com reverência, como se fosse a casa de Deus, tirando nossos sapatos como Moisés na sarça ardente, então perceberíamos que estamos caminhando dentro de uma enorme catedral. Que o mundo inteiro é o céu, o céu de um só Deus" (homilia de 6/11/2014, disponível em avvenire.it, tradução nossa).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

I. leitura (Ex 20,1-17)

Estamos em um dos textos mais importantes do Antigo Testamento, o Decálogo. Há outra tradição, com algumas variações, no capítulo 5 do livro do Deuteronômio. O texto do livro do Êxodo se inicia afirmando que Deus "pronunciou todas estas palavras" (v. 1). Não se fala em "mandamentos", mas "palavras". De fato, decálogo significa "dez palavras". O papa Francisco, na catequese sobre o Decálogo, sublinhava exatamente essa dimensão:

> Que diferença existe entre um comando e uma palavra? O comando é uma comunicação que não requer o diálogo.

*Maicon André Malacarne é presbítero da diocese de Erexim-RS. Possui mestrado em Teologia Moral pela Pontifícia Academia Alfonsiana (Roma), onde atualmente é doutorando na mesma área. É especialista em Juventude no Mundo Contemporâneo pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje – Belo Horizonte-MG), formado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia Berthier (Ifibe – Passo Fundo-RS) e em Teologia pela Itepa Faculdades (Passo Fundo-RS). É aluno de doutorado em Teologia Moral da Pontifícia Academia Alfonsiana (Roma). *E-mail*: maiconmalacarne@gmail.com

> A palavra, ao contrário, é o meio essencial do relacionamento como diálogo. Deus Pai cria por meio da sua Palavra, e o seu Filho é a Palavra que se fez carne. O amor alimenta-se de palavras, como também a educação ou a colaboração. Duas pessoas que não se amam não conseguem comunicar-se. Quando alguém fala ao nosso coração, nossa solidão acaba. Recebe uma palavra, verifica-se a comunicação, e os mandamentos são palavras de Deus: Deus comunica-se nessas dez Palavras e aguarda nossa resposta (catequese do papa Francisco na Audiência Geral do dia 20/6/2018, disponível em vatican.va).

No princípio da Aliança, está a iniciativa de Deus e a relação com ele: "Eu sou Javé, seu Deus, que fiz você sair da terra do Egito, da casa da escravidão" (v. 2). As dez palavras entregues a Moisés são inauguradas com a recordação da identidade de Deus, criador e libertador! Para responder à Aliança e para abrir-se à relação com o Pai, não se pode esquecer dessa identidade, manipulando Deus conforme a própria vontade. A lei de Israel deve ter no centro a vida, o contrário da escravidão vivida no Egito. Com o Decálogo, há o salto da submissão à liberdade!

Nos v. 3-17 temos a descrição de cada uma das dez palavras: a proibição da idolatria (v. 3-6), de pronunciar o nome de Deus em vão (v. 7), o respeito ao sábado (v. 8-11), honrar pai e mãe (v. 12), não matar (v. 13) – palavra que está no centro e evidencia o Decálogo como grande projeto de vida e de liberdade. Além disso, não cometer adultério (v. 14), não roubar (v. 15), não levantar falso testemunho (v. 16) e, por fim, a proibição da cobiça (v. 17).

O Decálogo, portanto, não é somente uma lei exterior, mas sobretudo um itinerário que conduz na direção de uma vida mais digna e livre. Permanecer na Aliança é permanecer na verdade de uma relação de amor!

2. II leitura (1Cor 1,22-25)

Lewis Carroll, em *Alice no país das maravilhas*, narra o sonho de Alice em um país de loucos. A certa altura, encontramos o diálogo com o Gato: "Mas eu não quero andar entre gente louca", protestou Alice. "Oh, não há nada a fazer", disse o Gato, "aqui somos todos loucos. Eu sou doido e tu também". "Como é que sabes que eu sou doida?", perguntou Alice. "Deves ser", respondeu o Gato, "senão não tinhas cá vindo parar!"

Alice sonhava um país de absurdos, de uma lógica pelo avesso! A narrativa faz lembrar a "loucura da cruz", sobre a qual escreveu Paulo aos Coríntios. De fato, a realidade daquela comunidade era bastante dura. Muitos trabalhavam no famoso porto de Corinto em condição de escravidão. Em meio a essa realidade de pesadas cruzes, Paulo afirmou: "nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos" (v. 23). Deus, na cruz de Jesus, sinal de vergonha, inverteu toda a lógica: "a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens" (v. 25).

As palavras de Paulo foram consolação e esperança para aquela pequena e frágil comunidade, formada de simples trabalhadores. Deus está, pela cruz, "escandalosamente" próximo dos crucificados! Assume essa condição para ressuscitar, erguer, toda forma de desalento.

3. Evangelho (Jo 2,13-25)

A festa da Páscoa era o momento em que o povo recordava a libertação do Egito. Jerusalém ficava repleta de peregrinos. Jesus estava no templo e "fez um chicote de cordas" (v. 15). Ao expulsar os vendedores e os cambistas, esparramar as moedas e derrubar as mesas, disse: "Não transformem a casa de meu Pai num mercado" (v. 16). Ele evidenciou

que a religião não pode ser um comércio, uma troca, um negócio, e que é preciso retornar ao dom, retornar à essência da relação com Deus.

O Evangelho de João, no prólogo, afirma que "a Palavra se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14). Trata-se de novidade imensa: o templo já não é um amontoado de pedras, mas "o seu corpo" (v. 21). Para entender o templo-corpo, é preciso recordar o evento Jesus Cristo: "Quando ele ressuscitou, os discípulos se lembraram do que Jesus tinha dito" (v. 22). Fazer memória da morte e da ressurreição do Senhor é retornar à identidade da Aliança de Deus com a humanidade, que passa pelo Decálogo e alcança plenitude na cruz.

Jesus Cristo é o novo templo, lugar por excelência do encontro com o Pai. Sobre essa nova condição, Paulo escreveu: "Ou vocês não sabem que seu corpo é templo do Espírito Santo?" (1Cor 6,19). Toda pessoa, assim, também é templo de Deus, e toda forma de instrumentalizar alguém – mediante discriminações, violências, preconceitos, ódio – é uma ofensa a Deus. De fato, invocando a tradição dos Padres da Igreja, recorda-se a máxima de Santo Irineu de que "a glória de Deus é o homem vivo e a vida do homem é a visão de Deus".

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Participar do corpo vivo de Cristo é assumir uma vida de fraternidade! O caminho quaresmal também é iluminado pela Campanha da Fraternidade, com seu convite à amizade social: "Vós sois todos irmãos e irmãs" (Mt 23,8). Com base na Aliança de Deus com a humanidade, no itinerário de vida e de liberdade do Decálogo, na identidade de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, somos convidados a assumir a "loucura" da cruz para viver como filhos e filhas, irmãos e irmãs. Nosso compromisso também é ser comunidade sempre mais viva, aberta, consoladora dos mais sofridos, acolhedora dos mais esquecidos e sinal permanente do Cristo Jesus!

4º DOMINGO DA QUARESMA

10 de março

A fé é permanecer à procura da luz!

I. INTRODUÇÃO GERAL

"É um abismo de luz, você tem de fechar os olhos para não cair nele", respondeu Kafka ao seu amigo Gustav, ao ser perguntado sobre quem era Jesus (*Conversas com Kafka*). Esse movimento entre a luz e a escuridão é que conduz a liturgia deste 4º domingo da Quaresma. Como fez Nicodemos, figura central do Evangelho, trata-se de abrir-se ao diálogo com o Senhor, desvelar as perguntas, para "nascer de novo" na direção da luz.

A vida nova, escreve Paulo aos Efésios, "é dom de Deus" que alcançamos "na pessoa de Jesus Cristo". É verdade que é preciso assumir as responsabilidades para discernir a vida de fé como discípulo e missionário, porém não conseguimos fazer tudo pelas nossas obras. É preciso deixar que a graça de Deus, que nos amou e criou, também nos salve! A história da salvação guarda a memória da fidelidade de Deus, especialmente em tempos de contradições e de abandono. O segundo livro das Crônicas ajuda a perceber a presença de Deus, que não esquece seu povo nem mesmo nos piores momentos da sua história.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Cr 36,14-16.19-23)

Estamos no último capítulo, um epílogo, do segundo livro das Crônicas. Dois temas são atravessados: de um lado, a fidelidade do Deus da Aliança; de outro, a infidelidade do povo, que com facilidade abandona a Deus e desanima de permanecer com ele. De fato, o biblista e prefeito emérito do Dicastério para a Cultura, cardeal Gianfranco Ravasi, afirma que esse trecho é como "um ângulo teológico em que se pode ler toda a história do povo de Israel" (*Convertitevi e credete al Vangelo*, 2003, tradução nossa).

A infidelidade do povo, das autoridades e dos sacerdotes se condensa no trecho "aumentaram os crimes que cometiam, imitando as abominações das nações" (v. 14). Nem mesmo o espaço sagrado era respeitado: "profanaram o templo" (v. 14). Quanto aos mensageiros que Javé havia enviado, "levavam na brincadeira suas palavras e zombavam dos profetas" (v. 16). Aquilo que, depois, parecia ser um castigo de Deus sobre o povo era, na verdade, fruto da escolha desse povo por uma vida desregrada, injusta e infiel.

A esperança, como sempre, vem do mesmo Deus, que não se cansa de perdoar e de despertar a consciência das pessoas, a fim de ajudá-las a erguer uma vida nova. De fato, Ciro, rei da Pérsia, foi enviado para reconstruir a esperança que o povo tinha perdido com o exílio babilônico e com sua opção pela infidelidade. Um sinal será o retorno do exílio e a reconstrução do templo, sob a organização de Ciro: "Ele me encarregou de construir para ele um templo em Jerusalém, na terra de Judá. Todos os que pertencem a esse povo e vivem entre nós podem voltar para lá" (v. 23).

É importante perceber que Javé "despertou a consciência de Ciro" (v. 22). A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, n. 16, afirma que a "consciência é o núcleo mais secreto e

Meditações sobre a paixão do Senhor

Charles de Foucauld

80 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

A obra é composta de 24 pequenos comentários sobre a paixão do Senhor escritos por Charles de Foucauld em vista do crescimento espiritual a caminho da Páscoa. Encontra-se, no apêndice do livro, a paixão de nosso Senhor Jesus Cristo segundo Marcos.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

o sacrário do ser humano, no qual ele se encontra a sós com Deus, cuja voz ressoa na intimidade do seu ser". A consciência é lugar da maturidade, do despertar, ouvir, acolher e discernir a voz de Deus, que chamou e chama a caminhar na direção da luz!

2. II leitura (Ef 2,4-10)

A tradição paulina, na continuidade do ensinamento de Paulo, guardou a bonita carta aos Efésios. De fato, por causa do grande amor de Deus, não obstante a condição de pecado, "vocês foram salvos pela graça" (v. 5). Paulo sublinha insistentemente que tudo vem de Deus, tudo é dom, tudo é graça, e que "na pessoa de Jesus Cristo, Deus nos ressuscitou e nos fez sentar no céu" (v. 6). A abundância do amor é um convite a viver a fé de maneira responsável. Não se trata de deixar tudo para Deus resolver, mas de acreditar, de tornar nossa vida um lugar de comunicar a vida divina. A fé é uma resposta ao amor!

Seguir Jesus Cristo é passar do pecado à graça, da morte à nova vida. Jesus "é a porta" de passagem (Jo 10,9). De fato, nele vivemos a vida de ressuscitados, a vida erguida da condição de prostração. A fé em Jesus Cristo se realiza no aqui e agora da realidade e no "ainda não" da eternidade. No movimento da terra e do céu, o cristão é chamado a viver, transformando as condições de escuridão e de pecado e testemunhando a nova luz da graça.

A certa altura da vida, São Paulo percebeu: "basta a tua graça" (2Cor 12,8-9). Confiar totalmente na graça não significa, como vimos, omitir-nos nas responsabilidades, mas é sempre um convite a abrir espaço, expandir aquilo que somos, permitir que o sonho de Deus se realize na história!

3. Evangelho (Jo 3,14-21)

Todo o terceiro capítulo do Evangelho de João apresenta o encontro entre Jesus e Nicodemos, um reconhecido líder judaico, "mestre em Israel" (Jo 3,9) e membro do sinédrio, espécie de tribunal de justiça que, mais tarde, condenará Jesus à morte. Nicodemos vai aparecer em outras duas situações: quando defendeu Jesus de acusações e da tentativa de prisão ("será que a nossa Lei julga alguém antes de ouvir e saber o que ele fez?" – Jo 9,51) e, depois da morte de Jesus, com José de Arimateia, quando foi tirar o corpo de Jesus da cruz e "levou mais de trinta quilos de uma mistura de mirra e resina perfumada. Então pegaram o corpo de Jesus e o enrolaram com panos de linho junto com os perfumes, do jeito que os judeus costumam sepultar" (Jo 19,39-40).

Depois do encontro com Jesus, a vida de Nicodemos foi sendo transformada: "quem pratica o mal tem ódio da luz" (v. 20). É verdade que ele não deixou o sinédrio nem renunciou ao seu poder, mas o diálogo, as perguntas, os silêncios "da noite" configuraram uma vida que, de alguma maneira, já não se distanciou de Jesus.

No fundo, Nicodemos é uma fotografia da nossa fé, que oscila entre a escuridão e a luz. Habita em nós um "Nicodemos" que aparece e silencia, que defende e se esconde, que chega quando Jesus já está morto. Parece que Nicodemos tem boa vontade, mas tem dificuldade em entender como fazer. Confia nas próprias forças e percebe que elas não bastam. Jesus lhe tinha "ensinado tudo", mas era preciso uma resposta amorosa, aquele "nascer de novo" (Jo 3,3) que muda tudo.

O Evangelho de João distingue aqueles que não creem (v. 20), que trabalham para as trevas, odeiam a luz e realizam obras más, daqueles que creem e se aproximam da luz por meio das obras da verdade (v. 21). Ser um "buscador da luz" é fixar os olhos em Jesus e no seu grande mistério de amor – paixão, morte e ressurreição. De fato, assim se inicia o Evangelho: "ninguém subiu ao céu a não ser aquele que desceu do céu: o Filho do Homem" (Jo 3,13). Como a serpente levantada por Moisés no deserto, a cruz é o novo sinal da salvação (v. 14).

Na continuidade do diálogo, Jesus ajudou Nicodemos a perceber a presença de Deus na história: "Deus amou de tal forma o mundo..." (v. 16). É interessante o uso do verbo no passado – amou –, significando um amor fiel, de sempre e para sempre. Um amor que atravessa o mundo! É como dizer: não há dúvidas sobre o amor de Deus, é um amor seguro. Nossa biografia está marcada com o sinal do amor! Há sempre um antes e um depois da experiência do amor, e Jesus convidava Nicodemos a mergulhar nesse grande mistério.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A Quaresma é um tempo de fixar os olhos na cruz e encontrar uma luz, um sentido maior para a vida. Trata-se de uma luz que ajuda a transformar, converter as obras na medida de um estilo de vida feliz, conforme o sonho de Deus, "que amou o mundo". Outro empenho é mudar a imagem de um Deus punitivo, castigador, para o Deus revelado na Escritura, que acompanha a humanidade e lhe "desperta a consciência" a fim de que perceba sua fidelidade para sempre. Que imagem de Deus carrego? Como "procuro a luz" a partir do meu estilo de vida?

5º DOMINGO DA QUARESMA

17 de março

A cruz: amor que atrai o mundo!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Rubem Alves, no livro *O amor que acende a lua* (1999), escreveu um conto chamado "A pipoca", que, de maneira simples, conversa sobre a culinária. Pelas tantas, recupera a expressão de Goethe: "Morre e transforma-te". Com a metáfora da pipoca, convida a mergulhar nessa "vida nova" que vem de dentro das muitas transformações que a vida exige. O tempo quaresmal é oportunidade para meditar esse mistério na direção da conversão: "morrer" para "viver" mais!

No Evangelho, Jesus disse: "Se o grão de trigo não cai na terra e não morre, fica sozinho. Mas se morre, produz muito fruto". À luz da ressurreição, somos animados a percorrer esse Evangelho com a esperança da vida nova, dom do Pai. De fato, em Cristo Jesus, o amor de Deus venceu toda morte, como anunciado pelo profeta Jeremias nas palavras de uma nova e eterna Aliança: "eu serei o Deus deles e eles serão o meu povo". A carta aos Hebreus nos convida a mergulhar no mistério da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus com base na experiência da obediência total ao Pai, que faz "novas todas as coisas" (Ap 21,5).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jr 31,31-34)

Há dois domingos, refletimos sobre o Decálogo, a Lei deixada por Deus a Moisés para orientar e organizar o povo de Israel no caminho da liberdade. O profeta Jeremias anuncia "nova aliança" (v. 31). Se a primeira estava escrita em pedra, a nova será escrita "no coração" (v. 33). De fato, em Jesus Cristo, passamos de uma lei exterior a uma lei interior, do conhecimento à graça, do pecado ao perdão, da distância de Deus ao Deus que Jesus ensinou a chamar de Pai.

O profeta Jeremias foi conquistado por Deus "desde o ventre materno" (Jr 1,5); conheceu todas as dificuldades, sofrimentos e solidões em seu longo período de profecia. Com base nessa experiência "na carne" é que anunciou a esperança de uma vida nova que vem de Deus: "eu serei o Deus deles, e eles serão o meu povo" (v. 33).

Ora, se a nova aliança é "gravada no coração", em cada pessoa habita uma chama, uma semente do divino, e cada um é convidado a partilhar com o mundo, especialmente dentro de uma comunidade, suas experiências e os sinais do amor de Deus. A nova aliança, portanto, põe no centro o ser humano.

2. II leitura (Hb 5,7-9)

O sacerdócio de Cristo é o grande tema da carta aos Hebreus, escrita pelo ano 80 d.C. por um cristão anônimo. Os cristãos, vivendo todo tipo de perseguições, na fragilidade de uma Igreja nascente, são convidados a fixar os olhos em Jesus para permanecerem fiéis e evitar toda sorte de desânimo e rejeição da fé.

Também Jesus atravessou muitos sofrimentos, até a morte na cruz. De fato, a doação total da sua vida é lida pela categoria da "obediência" ao Pai (v. 8). Pela obediência é que Jesus alcançou "a fonte de salvação eterna" (v. 9). Na condição humana, experimentou todas as dificuldades e participou da mesma condição da humanidade sofredora, por isso sua obediência é perfeita: "quem tem apego à sua vida vai perdê-la", diz o Evangelho (Jo 12,25). Os sumos sacerdotes da época, ao contrário, permaneciam na oferta de sacrifícios exteriores, muitas vezes bem distantes da vida e dos sofrimentos das pessoas.

Jesus Cristo é a Nova Aliança anunciada por Jeremias. Nada do que é humano e nada do que é divino são estranhos a Jesus! Na sua fidelidade, a comunidade nascente foi sendo atraída à mesma "fonte de salvação" e, obedientes ao Pai, fizeram a experiência de atravessar todo tipo de sofrimento com a confiança de não estarem sozinhos.

3. Evangelho (Jo 12,20-33)

"Quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim" (v. 32) é o anúncio que Jesus fez da sua morte na cruz. A cruz, de fato, é por onde passa a vida nova: "Se o grão de trigo não cai na terra e não morre, fica sozinho. Mas, se morre, produz muito fruto" (v. 24). Não se trata de um elogio à morte, ao sofrimento do calvário, mas, sim, de um elogio ao amor. A cruz "atrai" pela força do amor, que é a vida doada: "ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida..." (Jo 15,12).

O Evangelho se inicia com a presença de um grupo de gregos que "tinham ido à festa para adorar a Deus" (v. 20). Os gregos testemunham a universalidade dos que são atraídos a Jesus e representam o mundo não judaico. De fato, um pouco antes, no discurso do bom pastor, Jesus havia dito: "tenho também outras ovelhas que não são desse curral" (Jo 10,16).

Os gregos perguntaram a Filipe: "Queremos ver Jesus!" (v. 21). Ao escutar Filipe e André, que carregaram o desejo dos gregos, Jesus respondeu aos discípulos: "Chegou a hora em que o Filho do Homem vai ser glorificado" (v. 23). O tema da glorificação é muito caro à tradição joanina, porque revela a manifestação total do amor de Deus na Páscoa de Jesus Cristo: "Chegou a hora" (v. 23). A hora é a Páscoa! A voz que veio do céu é sinal da manifestação divina: "Eu manifestei a glória do meu nome e vou manifestá-la de novo" (v. 28). Na "hora" de Jesus, a humanidade inaugura sua nova "hora": a vida ressuscitada que "produz muito fruto".

Em vez de responder aos gregos "como" fazer para encontrá-lo, Jesus anuncia "onde" encontrá-lo: "levantado da terra" (v. 32). Não há outra forma de "ver Jesus", senão amando com o mesmo amor que ele amou, até a morte na cruz! O amor é a força que atrai! O amor é que faz atravessar o medo, também o medo da morte! O amor tem a característica de descentralizar. É verdade que existe um amor-próprio, mas este, por si só, não basta. O amor se realiza

doando, perdendo, partilhando! O amor é a gramática da cruz, onde tudo que parece fracassado brota vitorioso! De fato, a poesia de Goethe palpita no coração: "Morre e transforma-te", que poderia ressoar: "Ama e transforma-te".

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Há mais de sessenta anos, a Campanha da Fraternidade no Brasil faz o esforço de trazer para o coração da Quaresma um tema caro à vida das pessoas. Trata-se não só de uma resposta concreta aos ensinamentos do Concílio Vaticano II e das Conferências Episcopais Latino-americanas, mas também, sobretudo, de uma resposta à Sagrada Escritura: no coração de cada pessoa está selada a nova Lei, cuja vocação é responder no amor. Tudo que ameaça a vida e sua integralidade deve ser denunciado em vista da fidelidade ao sumo e eterno sacerdote, o Cristo Jesus.

Na proximidade da Semana Santa, semana maior da fé cristã, a liturgia nos convida a compreender a Aliança inaugurada em Jesus Cristo e na sua vida doada na cruz, que "atrai a todos". Não se trata, como vimos, de um elogio ao sofrimento, e sim de compreender que o amor só tem sentido quando vivido como dom até as últimas consequências. É importante lembrar, por exemplo, tantos mártires que deram a vida por causa da fidelidade ao Evangelho de Jesus. Desde as primeiras comunidades cristãs, o martírio foi e continua a ser uma semente "que cai na terra para produzir mais frutos". Vivendo em tudo a condição humana, Jesus foi testemunha de um sacerdócio próximo das pessoas e, no meio delas, viveu a obediência total a Deus. Assumir a humanidade e suas contradições é caminho para o coração do Pai. No coração de cada pessoa, no qual está escrita a nova Lei, Deus abre ao mundo a gramática do seu amor.

Vida a partir da morte: meditações sobre o mistério pascal

Hans Urs von Balthasar

56 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Nesta obra, o mistério pascal, a morte e ressurreição de Jesus e seus significados para o cristão são explorados em um texto claro e profundo, que tem por objetivo levar conforto e maior compreensão a quem busca respostas para esse tema paradoxal.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

DOMINGO DE RAMOS
E DA PAIXÃO DO SENHOR
24 de março

Jesus Cristo: amor que recria o mundo!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Os ramos e o amor total estão ligados profundamente, cerzidos entre os Evangelhos e as leituras deste domingo de Ramos e da Paixão do Senhor, início da Semana Santa. Erguemos os ramos para acolher o Senhor, mas é incompatível acolhê-lo sem assumir novo estilo de vida. O contexto de desigualdades, disputas e individualismo, os fundamentalismos que neutralizam o diálogo, as crises familiares, as doenças e outros processos de adoecimentos psíquicos são algumas das realidades que carregamos para celebrar a Semana Santa.

A imagem guardada pelo profeta Isaías de um misterioso Servo sofredor que suporta todo tipo de ofensas e de violência, na confiança de que "o Senhor é meu auxiliador", torna-se sempre uma esperança nova que ganha sentido maior em Jesus Cristo. De fato, hoje, com Jesus, entramos em Jerusalém aos gritos de "Hosana, bendito o que vem" e, igualmente com Jesus, entramos no tribunal para vê-lo condenado à morte de cruz. Em tudo, Jesus assumiu a condição humana sofredora, por isso, conforme a carta de Paulo aos Filipenses, "Deus o exaltou acima de tudo".

A Igreja no Brasil também realiza neste domingo a coleta da solidariedade, gesto concreto da Campanha da Fraternidade. Participar desse sinal é colaborar com projetos que garantem uma esperança a mais a muitas pessoas, além de ser sinal de pertença e de unidade eclesial.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho de Ramos (Mc 11,1-10)

A liturgia deste domingo compreende dois Evangelhos: a entrada de Jesus em Jerusalém, proclamada no início, antes da procissão, e uma das narrações da paixão e morte de Jesus na cruz.

Jesus entrou em Jerusalém "montado em um jumentinho" (v. 7); ou seja, ao renunciar entrar a cavalo, assumiu a condição dos mais pobres. Foi acolhido por "muitos que estenderam seus mantos pelo caminho, outros espalharam ramos que haviam apanhado nos campos" (v. 8). Todos gritavam: "Hosana, bendito o que vem" (v. 9).

Hosana é um pedido de ajuda, um grito por salvação. A salvação, de fato, foi percebida pelo povo simples de Jerusalém em Jesus de Nazaré. A salvação que o povo reconheceu não foi da potência, do poder, mas do serviço e do amor. Nos mantos e nos ramos, aquelas pessoas antecipavam a resposta que, mais tarde, aconteceria na cruz: Deus nunca nos abandonou!

2. I leitura (Is 50,4-7)

A leitura traz o terceiro poema do Servo de Javé, também chamado de Servo sofredor, uma figura misteriosa descrita pelo segundo Isaías que foi interpretada pela tradição como uma antecipação da vida e do ministério de Jesus Cristo.

O Servo é um homem da palavra – "para que eu saiba dizer palavras de conforto" (v. 4) –, cujos destinatários são "as pessoas abatidas" (v. 4). O que chama a atenção é que esse Servo, chamado a consolar, é alguém de sofrimento. Em vez de assumir uma condição de prostração, traduz a humilhação ("as costas para me baterem e a face para me arrancarem a barba", v. 6) em

uma condição de confiança total: "o Senhor é meu auxiliador, por isso não me deixei abater o ânimo" (v. 7).

Não se trata de um elogio ao sofrimento, mas o Servo de Javé nos faz meditar sobre as oportunidades que cada momento da vida põe diante de nós, também diante das dificuldades maiores. O que fazemos com elas? No início da *Divina Comédia*, no primeiro livro (Inferno, Canto I, versos 2-3), Dante Alighieri escreveu: "Achei-me numa selva tenebrosa, tendo perdido a verdadeira estrada". Para alcançar o paraíso, Dante precisou descobrir o caminho do meio da escuridão.

3. II leitura (Fl 2,6-11)

Trata-se de um grande hino paulino, da tradição da Igreja de Filipos, que propõe uma interpretação do mistério pascal. A Páscoa é lida como um movimento de abertura, de exaltação, de "baixo para cima", da humilhação à exaltação. A iniciativa de "abaixar" é do próprio Deus, para conduzir toda a humanidade à glória. De fato, Jesus Cristo "esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e tornando-se igual aos homens" (v. 7), foi glorificado por Deus, que "o exaltou acima de tudo" (v. 9).

Quando Paulo escreveu aos filipenses, estava preso em Éfeso. Encontrava-se na condição de perseguido por causa de Jesus. Nessa mesma carta, escreveu: "Tendes em vós os mesmos sentimentos de Cristo Jesus" (Fl 2,5). O caminho da humanização é caminho para a divinização. Tornar-nos mais humanos é um dos maiores compromissos da Semana Santa.

4. Evangelho (Mc 14,1-15,47)

O grande texto da paixão de Jesus escrito por Marcos é um convite à meditação profunda durante a liturgia, mas também no decorrer da semana. Para abrir a reflexão, propomos alguns pontos que nascem da teologia desse relato.

Primeiro, trata-se de uma leitura da paixão. Marcos não traduziu a história de um super-herói, de um mágico, mas de um amor! Jesus entregou-se totalmente na cruz, numa paixão avassaladora, capaz de entregar-se, de perder, de oferecer-se sem reter nada. É esse amor que salvou e salva a humanidade.

No início do texto, temos a paixão traduzida na unção em Betânia: "veio uma mulher com um vaso de alabastro cheio de perfume de nardo puro, muito caro. Ela quebrou o vaso e derramou o perfume na cabeça de Jesus" (14,3). A mulher estava reconhecendo o messianismo de Jesus e antecipando sua morte na cruz. De fato, a unção era um sinal da sepultura. Mais adiante, durante a última ceia, Jesus traduziu a paixão como oferta total de si: "Tomai, é meu corpo... é meu sangue" (14,22-24).

A contradição de toda paixão é a traição. Trair é quebrar o amor! O acordo de Judas e dos sumos sacerdotes (14,10), a entrega de Jesus e a traição total de Judas (14,43), as negações de Pedro (14,63.70-71), o abandono, a solidão, o grito "crucifica-o" (15,13), o manto vermelho e a coroa de espinhos (15,17), os cuspes, a zombaria (15,19), os insultos já no alto da cruz (15,29) são parte da gramática da paixão de Jesus. O amor sempre conhece o sofrimento! De fato, Teilhard de Chardin afirmou que toda a missão do seguidor de Jesus pode ser resumida em "levar amor ao mundo" (*Sull'amore*, tradução nossa).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Com os Evangelhos deste domingo, somos convidados a acompanhar Jesus nos seus últimos dias, desde a unção de Betânia, passando pela entrada em Jerusalém, montado no jumentinho e sendo acolhido com os ramos e os mantos, até a traição, a negação, a solidão, o abandono, a cruz e a morte. Na imagem do Servo de Javé, desde o sofrimento total, meditamos sobre o caminho para transformar "nossa" condição de humilhação.

São Paulo indica que a estrada é assumir em tudo a condição humana para, com Jesus, alcançar a salvação.

A experiência da fé pode envolver o risco de a pessoa viver em uma redoma, fugir do mundo, porque "o mundo é mau". Vivendo o tempo da Quaresma e iniciando a Semana Santa, o convite é para caminharmos pela estrada da humanidade, construindo sinais de humanização. Em vez da tentação de esconder-nos, que acompanha a história desde Adão e Eva, nossa vocação é "assumir a condição humana", ou seja, ser totalmente humanos e caminhar na direção de Deus.

"Torne-se aquilo que você é!", escreveu Nietzsche (*Gaia Ciência*), retomando uma velha máxima. Dizendo de outra maneira, viver nossa identidade mais profunda é traduzir a vida em paixão, em vocação de doar-nos, em amar até o fim, não obstante todas as contradições.

CEIA DO SENHOR

28 de março

O amor traduzido em lava-pés!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A celebração da Ceia do Senhor, porta de entrada do Tríduo Pascal, recorda que, para sentar-se à mesa com Jesus, é preciso, antes de tudo, aprender a lavar os pés uns dos outros. Esse gesto, narrado apenas no Evangelho de João, é algo que inverte toda a lógica do mundo – do poder, da grandeza, da ostentação – para pôr no centro o serviço, a humildade e o amor, traduzidos no verbo de Deus: abaixar-se!

Jesus é Deus que se abaixou! É o mesmo Deus do êxodo: "Eu vi o sofrimento do meu povo, eu desci para libertá-lo!" (Ex 3,7). O Deus libertador que "desce" é o Deus de Jesus que "se abaixa" para lavar os pés. O Deus de Jesus olha o pecador de baixo, não se coloca acima, não se enche de glória, porque a glória é a cruz, a glória é entregar a vida, a glória é amar sem medidas!

Procura-se amigos e lavadores de pés é o título de um livro do cardeal O'Malley (2019). Ele sugere que a humanidade só será feliz quando retornar a esse grande gesto de amizade e fraternidade – lembrando que a amizade social é tema da Campanha da Fraternidade deste ano.

Na Ceia do Senhor estão de mãos dadas as memórias da instituição da Eucaristia e do sacerdócio. Trata-se de guardar, mediante um discipulado disposto a "lavar os pés" até o fim, a capacidade e o discernimento de tornar tudo dom, a vida que se realiza na entrega, o ministério que não tem sentido fora do contínuo "abaixar-se".

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 12,1-8.11-14)

Estamos no coração da Páscoa dos judeus. Desde a origem, a Páscoa sinaliza uma passagem. Depois da celebração primaveril e dos Ázimos, o texto guarda a memória da Páscoa da libertação do povo do Egito. Trata-se de um tempo novo: "este mês será para vós o começo dos meses, será o primeiro mês do ano" (v. 2). A libertação é vida nova, esperança nova, futuro novo! A passagem do renascimento e da fecundidade da natureza, dos campos e dos animais abre lugar para o renascimento e a fecundidade da vida de um povo que outrora era escravo do Egito e, agora, celebra sua libertação.

O autor do texto, provavelmente escrito durante o exílio da Babilônia, registrou que uma das marcas da Páscoa da libertação foi a partilha: "convidará também o vizinho mais

próximo" (v. 4) – ou seja, ninguém deve ficar de fora! O sangue derramado era sinal de que o povo continuava vivo, não obstante a força dos inimigos. "Este dia será para vós uma festa memorável em honra do Senhor" (v. 14) é a conclusão do texto, que evoca a passagem do sofrimento e da opressão para o caminho da liberdade, sempre com a presença e a força de Deus.

2. II leitura (1Cor 11,23-26)

Se o compromisso da Páscoa dos judeus era celebrar sem "deixar ninguém de fora", a primeira carta de Paulo aos Coríntios, ao tratar da Eucaristia, põe no centro o mesmo critério: a partilha! De fato, alguns versículos anteriores ao texto deste dia trazem a chamada de atenção de Paulo à comunidade: "porque cada um se apressa em comer a própria ceia. E, enquanto um passa fome, o outro fica embriagado" (v. 21). Na grande cidade de Corinto, de fato, havia muita desigualdade, que se evidenciava nas celebrações da comunidade nascente.

A noite da saída do Egito para a libertação deu lugar a outra: "na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão. [...] Depois da ceia, tomou também o cálice" (v. 23.25). Pão e vinho, corpo e sangue, são a memória da vida de Jesus Cristo doada no amor. Os gestos e palavras de Jesus – tomar, agradecer, partilhar – são o itinerário que a comunidade não pode esquecer para celebrar a instituição da Eucaristia e todas as outras liturgias.

3. Evangelho (Jo 13,1-15)

O Evangelho de João não guarda a memória da Eucaristia como os Evangelhos sinóticos (Mt 26,26-29; Mc 14,22-25; Lc 22,19-20), que são muito próximos ao texto de Paulo na segunda leitura. O texto joanino, no entanto, é aberto com o gesto do lava-pés, sinal de que Jesus sabia "que tinha chegado a sua hora". A hora é a plenitude,

Meditando a Palavra 3: Páscoa

Padre Augusto César Pereira, scj

176 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

A Igreja celebra o mistério pascal de Jesus Cristo para atualizar, hoje, os passos do sofrimento, morte e ressurreição do Senhor. Este trabalho oferece reflexões cuja finalidade é levar o leitor ao compromisso cristão com a transformação pascal.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

a Páscoa da cruz e da ressurreição: "tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim" (v. 1). Jesus viveu o amor com todas as suas consequências, mesmo no gesto radical e proibido de lavar os pés. De fato, os v. 4 e 5 apresentam vários verbos que indicam a iniciativa de Jesus: "levantou-se da mesa, tirou o manto, pegou uma toalha e amarrou-a na cintura. Derramou água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos, enxugando-os com a tolha com que estava cingido". Jesus estava comunicando que a lógica do Evangelho deveria ser diferente da lógica do mundo e, para isso, não bastavam as palavras, era necessária uma vida implicada no amor.

Quando chegou a vez de Jesus lavar os pés de Pedro, este protestou: "Senhor, tu me lavas os pés?" Custava a Pedro entender a "nova lei" do amor! O diálogo entre os dois é um mapa de que, para seguir Jesus, é preciso estar sempre aberto ao discernimento e à conversão. De fato, Jesus também disse: "nem todos estão limpos" (v. 11), uma advertência direta a Judas, que iria traí-lo. A conversão de quem segue Jesus Cristo deve ser sempre por dentro do amor, por dentro do lava-pés: "se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros" (v. 14).

O papa Francisco, na homilia da celebração da Ceia do Senhor de 2022, recordou que o serviço e o amor não podem ser substituídos pela "exploração do outro", ou seja, por qualquer atitude que, ao invés de "erguer", instrumentalize as pessoas. Referiu-se especialmente aos presbíteros:

> E agora, procurarei fazer o mesmo gesto de Jesus: lavar-vos os pés. Faço-o de coração porque nós, sacerdotes, deveríamos ser os primeiros a servir os outros, não a explorar os outros. O clericalismo por vezes leva-nos por este caminho. Mas temos de servir. Isso é um sinal, também um sinal de amor por estes irmãos e irmãs e por todos vós aqui; um sinal que significa: "Eu não julgo ninguém. Procuro servir a todos" (homilia de 14/4/2022 – disponível em www.vatican.va).

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

"Dei-vos o exemplo, para que façais a mesma coisa que eu fiz" (Jo 13,15) são as palavras que concluem o Evangelho desta liturgia. A entrada do Tríduo Pascal nos põe diante do profundo chamado a "fazer a mesma coisa". Trata-se de memória que oferece o conteúdo para seguir Jesus Cristo. Imitar é diferente de seguir! Imitar pode ser pequena parte do seguimento, mas seguir é compreender, discernir, amadurecer, atualizar e comunicar o Evangelho em cada tempo. Não é que o Evangelho muda, mas nós mudamos, o mundo muda, as ferramentas para entender mudam, e tudo isso é sinal de que a obra criadora de Deus continua! A encíclica *Laudato Si'*, citando o grande pensador Teilhard de Chardin, afirma: "A meta do caminho do universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal" (n. 83).

Jesus revelou que a plenitude se encontra no mandamento do amor, no serviço aos irmãos e irmãs, na experiência da Eucaristia. Adentrar o Tríduo Pascal, a grande celebração da paixão, morte e ressurreição de Jesus, é assumir esse compromisso de configurar a vida na direção da meta. A celebração desta noite, a escuta das narrativas da Páscoa dos judeus, da Eucaristia, do lava-pés, são uma gramática sem a qual não conseguimos compreender bem o amor doado na cruz e a vida nova ressuscitada por Deus. É importante, por isso, tirarmos tempo para ler e reler os textos, meditá-los, pôr-nos no lugar dos personagens, fazer as perguntas, silenciar, deixar que a Palavra nos transforme a fim de que também nós consigamos "fazer a mesma coisa", sempre de um jeito novo.

PAIXÃO DO SENHOR
29 de março

A cruz de Jesus é a hora da glória!

I. INTRODUÇÃO GERAL

"A condição humana é a paixão de Cristo", escreveu Clarice Lispector na sua obra *A paixão segundo G. H.* Toda paixão vem acompanhada de sofrimento! Na cruz de Jesus Cristo se encontra a dor daquele que "amou até o fim" (Jo 13,1), com a dor de toda a humanidade. Cruz e crucificado, cruzes e crucificados são a gramática desta liturgia, mergulhada no silêncio, na ausência, no trauma das vítimas.

Quando tudo parece ter fim, a profecia de Isaías e a carta aos Hebreus, com fios de sofrimento, ajudam a tecer um feixe de luz: "Ei-lo, o meu servo será bem-sucedido; sua ascensão será ao mais alto grau" (Is 52,13); "Cristo, nos dias de sua vida terrestre, dirigiu preces e súplicas, com forte clamor e lágrimas, àquele que era capaz de salvá-lo da morte. E foi atendido, por causa da sua entrega a Deus" (Hb 5,7). Se a paixão de Cristo nos fere profundamente, a cruz revela uma novidade infinitamente maior, pois consiste na "hora da glória".

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 52,13-53,12)

Isaías desenha o quadro do misterioso Servo de Javé, também chamado de Servo sofredor. Trata-se do quarto poema. A dificuldade de descobrir a identidade desse personagem abre a possibilidade de lê-lo à luz do sofrimento do povo.

Quaresma, Páscoa e Pentecostes: 62 perguntas e respostas sobre o ciclo da Páscoa

Padre José Bortolini

48 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Em forma de perguntas e respostas, com frequente recurso à Bíblia, o livro pretende ir ao encontro das pessoas que desejam conhecer as coisas básicas que se referem ao ciclo da Páscoa.

Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

A leitura é aberta com um oráculo pronunciado por Javé a respeito do Servo: "tão desfigurado ele estava, que não parecia ser um homem" (53,14). Segue-se uma espécie de lamentação das pessoas ao seu respeito: "Foi maltratado e submeteu-se, não abriu a boca; como cordeiro levado ao matadouro ou como ovelha diante dos que a tosquiam, ele não abriu a boca" (53,7). Por fim, Javé anuncia a glorificação: "sendo contado como um malfeitor; ele, na verdade, resgatava o pecado de todos e intercedia em favor dos pecadores" (53,12).

Chama a atenção o fato de que o Servo se mantém sempre em silêncio, não obstante sua condição ultrajada. O quadro não aponta a culpa do sofredor, ou seja, não se trata de retribuição pelos seus pecados. De fato, a teologia da retribuição – que opera segundo a ideia de que cada um recebe o que merece – entra em crise, porque nada pode condenar esse Servo. Ele sofre porque sofre, e sofre pelos pecados que outros cometeram: "ele não praticou o mal nem se encontrou falsidade em suas palavras" (13,9). O Servo de Javé é uma fotografia da realidade de sofrimento de tantas pessoas que não encontram em Deus nenhuma neutralidade.

2. II leitura (Hb 4,14-16; 5,7-9)

A carta aos Hebreus é uma grande homilia sobre o sacerdócio de Cristo. Com base nessa chave, é feita uma releitura do sistema de sacrifício da Antiga Aliança à luz do sacrifício de Jesus Cristo, "capaz de se compadecer das nossas fraquezas" (4,15). Por assumir toda a condição humana, até a morte de cruz, ele se revela o sumo sacerdote capaz de se identificar com a vida das pessoas, especialmente das vítimas.

Os sumos sacerdotes da Antiga Aliança utilizavam o sangue dos sacrifícios como oferta a Deus no templo. O novo e eterno sacerdote, Jesus Cristo, ofereceu-se a si mesmo! Já não o sangue das vítimas, mas seu próprio sangue é o sinal da nossa redenção: "na consumação de sua vida, tornou-se causa de salvação eterna para todos os que lhe obedecem" (5,9).

"Orações, súplicas, clamores e lágrimas" (5,7) são uma gramática profunda que apresenta a humanidade de Jesus Cristo. É possível sempre atualizar essa mesma condição de sofrimento e de fé em muitas pessoas que, não obstante suas cruzes, se inserem no seguimento do Senhor, se comprometem a fazer o bem, na esperança e na coragem de viver dias melhores.

3. Evangelho (Jo 18,1-19,42)

A criação de Deus guarda a imagem do jardim, segundo o relato do Gênesis: "Javé Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que havia modelado" (2,8). A história, no entanto, não andou muito bem e, desde o início, o mundo criado viveu as inúmeras contradições e infidelidades ao Criador.

O Evangelho de João tece um "novo jardim" ou uma "nova criação" na paixão, morte e ressurreição de Jesus. O grande relato que toma os dois capítulos do Evangelho deste dia começa e conclui com a imagem do jardim. Há, portanto, uma grande teologia da criação no mistério de cada palavra. Deus está recriando a humanidade no seu Filho amado!

Depois da traição de Judas, seguida da prisão, da apresentação e do interrogatório diante de Anás, Caifás e Pilatos, Jesus guardou longo silêncio, respondendo a poucas perguntas: "Eu falei às claras ao mundo", foi uma das suas falas, acompanhada de uma bofetada do guarda (18,20-22). A verdade anunciada por Jesus durante toda a sua vida não era uma teoria, uma doutrina, e sim uma relação com Deus tão profunda, que o levava a chamá-lo de Pai. O Deus próximo, misericordioso, amoroso era potente demais para os poderosos e os tribunais, que instrumentalizavam sua prática e veiculavam outra imagem de Deus, punitivo e justiceiro.

Sobre a verdade, de fato, há longo diálogo entre Pilatos e Jesus, guardado apenas na tradição joanina, o qual foi concluído com a sentença de condenação: "Eis o homem" (19,5), apontando para Jesus, que carregava uma coroa de espinhos e um manto vermelho. Neste "eis o homem" pode-se ler "eis a humanidade" – ultrajada, maltratada, negociada como a liberdade de Barrabás, solitária. "Crucifica-o, crucifica-o" (19,6) eram as vozes que se levantavam. Jesus, carregando pesada cruz, caminhou em direção ao calvário. A "hora de Jesus", anunciada pelo Evangelho de João desde o início, encontrou o ápice na cruz: "Tudo está consumado" (19,30). A "hora de Jesus" é a hora da glória, a hora em que Deus, pelo Espírito, "faz novas todas as coisas" (Ap 21,5). Aonde parecia tudo escurecer e desaparecer, veio um sopro que reorganiza e recria o mundo.

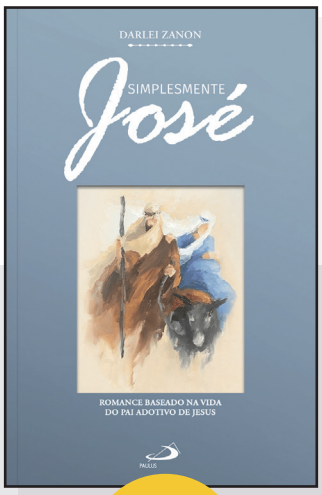
Há uma prece de Charles de Foucauld, "Oração do abandono", que nos ajuda a rezar e meditar a cena do calvário, a entrega de Jesus, e viver nossos sofrimentos: "Meu Pai, em vós me abandono. Fazei de mim o que quiserdes! O que de mim fizerdes, eu vos agradeço. Estou pronto para tudo, aceito tudo, contanto que vossa vontade se faça em mim e em todas as vossas criaturas. Não quero outra coisa, meu Deus. Entrego a minha vida em vossas mãos".

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A paixão de Jesus sempre apresenta à humanidade o sofrimento das vítimas. É verdade que não se pode resolver todas as injustiças do mundo, mas a celebração da Paixão é convite a assumir o compromisso com alguns gestos de humildade e reconciliação. O primeiro, talvez, seja reconhecer que nosso estilo de vida pode fazer pesar ainda mais as cruzes de muitas pessoas e abrir ainda mais suas feridas. Reconhecer as estruturas de morte e denunciá-las é outro compromisso que nasce da cruz de Jesus.

Simplesmente José: romance baseado na vida do pai adotivo de Jesus

Darlei Zanon



392 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Neste romance em primeira pessoa, São José, o artesão de Nazaré, chamado por Deus para ser esposo de Maria, pai adotivo de Jesus e guardião da Sagrada Família, narra ao leitor sua história – uma história de fé e obediência, guiada pelo mistério e marcada pela luz e amor divinos.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

A imagem de algumas mulheres e do discípulo amado, aos pés da cruz, antecipa o verbo da ressurreição: "estavam de pé" (Jo 19,25). Manter-se de pé é atitude grandiosa, de disposição em seguir em frente, de encontrar os feixes de luz para iluminar o caminho. Não foram poucas as vezes em que Jesus "ergueu as pessoas". Na "hora da glória", ele é erguido pelo Pai do domínio da morte. Para permanecerem de pé, o segredo das mulheres e do discípulo amado foi permanecerem perto da cruz, perto de Jesus. A tentação das fugas, das máscaras, das desculpas, das reclamações, da indiferença exige o discernimento de não fugir da realidade da vida, de enfrentar as contradições com os olhos fixos em Jesus Cristo, que, naturalmente, conduz cada olhar para o lugar das vítimas do mundo e para a redenção de todas as coisas.

VIGÍLIA PASCAL – SÁBADO SANTO

30 de março

O túmulo está vazio: Jesus ressuscitou!

I. INTRODUÇÃO GERAL

"E assim saímos para ver de novo as estrelas" é o verso que separa o último canto do Inferno (XXXIV, 139) para o começo do Purgatório, segundo a *Divina comédia* de Dante Alighieri. A viagem de Dante, com a companhia do poeta Virgílio, atravessou o território do inferno e da ausência da luz. De fato, já na entrada, o convite era: "Deixai toda esperança, vós que entrais" (III, 9). A ausência da luz é a ausência da esperança! A estrada para o paraíso, terceiro livro, deveria ainda enfrentar o Purgatório, onde é possível, aos poucos, escolher e contemplar o céu, não obstante a montanha para escalar.

O Sábado Santo é essa montanha! Não estamos nem de um lado, nem de outro. No silêncio e na escuridão da morte, pomo-nos a caminho, na escalada da fé, com a confiança em que Deus é o Senhor da história. O cenário dantesco nos ajuda a compor a gramática que prepara a celebração da Vigília Pascal – mãe de todas as celebrações –, na qual a luz já é realidade e brilha luminosa, ofuscando a ameaça das trevas da morte.

A Vigília Pascal é formada por um conjunto de leituras, salmos e cânticos (além dos símbolos do fogo, da luz e da água) que compõem a grande sinfonia da presença de Deus na história da salvação: na criação, na constituição de um povo, na libertação do faraó, no anúncio, denúncia e testemunho dos profetas. Em Jesus Cristo, Deus viveu em tudo a condição humana, assumiu todas as contradições e foi condenado à morte de cruz. A ressurreição é vitória de Deus sobre a morte, vitória da luz sobre a escuridão, como confirma a carta de Paulo aos Romanos: "a morte já não tem poder".

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Leituras do Antigo Testamento (Gn 1,1-2,2 • Gn 22,1-18 • Ex 14,15-15,1 • Is 54,5-14 • Is 55,1-11 • Br 3,9-15.32-4,4 • Ez 36,16-17a.18-28)

As leituras do Antigo Testamento começam com a primeira página da Bíblia (Gn 1,1-2,2), o cenário da criação, da tradição sacerdotal. Os seis dias da "ação de Deus" encontram a plenitude cósmica no sétimo dia, o sábado, dia maior da plenitude do tempo. O ser humano, criado ao sexto dia, sinal da incompletude, é chamado a caminhar na direção do sétimo para viver sua vocação de comunhão e de eternidade.

A fé de Abraão, capaz de pôr-se a caminho do sacrifício do filho único, Isaac, em obediência total a Deus (Gn 22,1-18), é a antecipação da vida doada de Jesus na cruz.

O sacrifício é de si mesmo, como dom para a vida do mundo. Também na libertação do povo de Israel das mãos do faraó do Egito (Ex 14,15-15,1), na passagem do mar Vermelho, estava a marca da presença do Deus libertador, que conduz seu povo a uma vida nova.

É verdade que nem sempre o povo de Israel foi fiel. Inúmeras passagens do Antigo Testamento apresentam as reclamações, as revoltas e a preferência dos ídolos a Javé. Uma das maiores crises da história desse povo foi no exílio na Babilônia (Is 54,5-14). Distante da terra, da cultura, com as famílias dispersas, vivendo como escrava, a comunidade foi desafiada a retornar a Javé por meio da memória das maravilhas que Ele havia realizado. Javé Deus continuou acompanhando o povo e convidando-o a regressar ao seu coração (Is 55,1-11). Mesmo com todas as infidelidades, nunca deixou de amar, corrigir e atrair "de volta" todos a si.

O profeta Baruc (3,9-15.32-4,4) sugere o discernimento das atitudes por parte do povo de Israel. Dar-se conta das escolhas, tomar consciência dos caminhos feitos, é fundamental para a conversão e a vida nova com Javé, "a fonte de toda sabedoria". Mesmo com a ajuda dos profetas, o povo continuou de coração endurecido. Quando tudo parecia perdido, Deus anunciou pelo profeta Ezequiel (36,16-17a.18-28) uma nova aliança, marcada pelo selo de um coração novo, já não de pedra, mas de carne: "Sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus". Não porque o povo teve méritos, mas porque Deus é bom e ama para sempre!

2. Carta (Rm 6,3-11)

A Nova Aliança encontra sua plenitude na paixão, morte e ressurreição de Jesus. São Paulo, nesta carta, faz uma aproximação entre a Páscoa de Jesus e o batismo cristão. É pela água do batismo que o ser humano deixa para trás o "homem velho" (v. 6) para assumir uma vida ressuscitada: "Se, pois, morremos com Cristo, cremos também que viveremos com ele" (v. 8).

A Vigília Pascal, com a bênção da água, de fato põe em paralelo a celebração da Páscoa de Jesus e a celebração do batismo. O batismo é o convite à vida nova em Jesus Cristo vivo e ressuscitado, vencedor do sepulcro e da morte.

3. Evangelho (Mc 16,1-7)

"Ele ressuscitou, não está aqui" (v. 6) é o ponto alto do Evangelho proclamado nesta noite. Trata-se da resposta do anjo a um grupo de mulheres – Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé (v. 1), que tinham comprado perfumes para ungir o corpo morto de Jesus, mas, chegando lá, ao nascer do dia, perceberam que a pedra do túmulo estava aberta (v. 4). Ao entrarem, viram um jovem que anunciou a grande alegria.

O anúncio da ressurreição vem acompanhado de dois elementos fundamentais, que se tornam pedra angular para todo seguimento de Jesus: "Agora vocês devem ir" (v. 7). As mulheres devem anunciar aos discípulos a ressurreição de Jesus. Trata-se do fundamento missionário da ressurreição – é a boa notícia que não deve ser vivida para si, mas partilhada e comunicada ao mundo. Um detalhe não pode passar despercebido: são as mulheres, consideradas últimas, as primeiras a receber a notícia e as primeiras missionárias do Ressuscitado. O segundo elemento é o lugar, "a Galileia" (v. 7), onde "ele irá a vossa frente". Na Galileia a missão de Jesus havia começado. Retornar à Galileia é retornar aos lugares onde é preciso reconhecer Jesus vivo e ressuscitado, também na transformação das estruturas de injustiça e de morte. Na direção da Galileia está a certeza de que há um futuro novo pela frente, o passado não está terminado. Hoje, outras "Galileias" nos esperam!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A Vigília Pascal anuncia o sétimo dia, o "novo dia", o "domingo eterno" para o qual tudo está voltado e no qual tudo encontra sentido! No terceiro livro, o Paraíso, Dante entendeu

que a origem e o destino de tudo era o amor. De fato, a *Divina comédia* se conclui, anunciando: "o amor que move o sol e todas as estrelas" (XXXIII, 145). A vitória da luz é a vitória de toda criação, é a vida nova que começa hoje! A cada domingo, Páscoa semanal, os cristãos são convidados a recordar o amor imenso de Deus e assumir uma vida ressuscitada!

Pe. Ermes Ronchi, da Ordem dos Servos de Maria, ajuda a compor a novidade da celebração da Vigília Pascal:

> na vida está oculto um segredo que Cristo veio sussurrar-nos amorosamente ao ouvido. O segredo é este: há um movimento de amor dentro da vida que não permite que ela fique parada, que a remete em movimento após cada morte, que a relança depois de cada xeque, que, para cada ser humano que mata, há centenas que cuidam das feridas, e mil cerejeiras que continuam obstinadamente a florir. Um movimento de amor que nunca tem fim, que nenhuma violência poderá alguma vez deter, um fluxo vital dentro do qual está cada coisa que vive, e que revela o nome último de Deus: Ressurreição (homilia de 2/4/2002, disponível em avvenire.com, tradução nossa).

DOMINGO DA PÁSCOA
NA RESSURREIÇÃO DO SENHOR
31 de março

Ressurreição: buscar Jesus e deixar-se encontrar por ele

I. INTRODUÇÃO GERAL

A primeira atitude pascal é "buscar" Jesus Cristo. De fato, o Evangelho deste domingo, dia da Ressurreição, fala de uma grande correria: Madalena que corre, Pedro que corre, o discípulo amado que corre! Todos se tornaram "buscadores", porque algo tinha acontecido: "o sepulcro estava vazio" e o corpo morto de Jesus já não estava lá.

O que nos torna buscadores é a faísca de amor que habita nosso coração. Sempre procuramos por amor! A Páscoa é ativar a brecha do amor e deixar-se encontrar por ele. A Páscoa é um grande sim ao amor! A grande mística francesa Simone Weil desenhou, de maneira forte e profunda, esta imagem: "Deus espera com paciência que eu queira enfim concordar em amá-lo. Deus espera como um mendigo que fica de pé, imóvel e silencioso, na frente de alguém que talvez lhe dê um pedaço de pão. O tempo é essa espera. O tempo é a espera de Deus que mendiga o nosso amor" (*Quaderni*, volume IV, tradução nossa).

Nossa vocação de "buscadores" é iluminada, hoje, com outra verdade: nem sempre o lugar onde buscamos o amor é o lugar onde ele está. De fato, o amor prefere os espaços abertos e não gosta das prisões: "Ide à Galileia, lá vocês me verão!" O sepulcro é apenas sepulcro!

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 10,34a.37-43)

Pedro, que havia negado conhecer Jesus por medo das autoridades, conforme acompanhamos no relato da paixão, aparece nos Atos dos Apóstolos muito diferente. O Pedro audacioso é a antecipação daquilo que Eduardo Galeano chamou de "fé fugitiva": "dos medos nascem as coragens, os sonhos anunciam outra realidade possível" (*O livro dos abraços*, 2002).

A leitura, de fato, começa afirmando que "Pedro tomou a palavra" (v. 34a). Assumiu a responsabilidade de anunciar Jesus, que "andou por toda parte fazendo o bem" (v. 38). Não obstante tudo que havia realizado, "o mataram, pregando-o numa cruz. Mas Deus o ressuscitou ao terceiro dia" (v. 39-40). Ao resumir todo o programa de vida de Jesus, Pedro anuncia a salvação realizada por obra de Deus.

No discurso de Pedro, o livro dos Atos dos Apóstolos transmite uma espécie de fragmento da primeira evangelização da comunidade nascente: o centro é a pessoa de Jesus Cristo, "ungido por Deus com o Espírito Santo" (v. 28). Os apóstolos testemunham com a própria vida tudo que ele tinha realizado e, obedecendo ao mandato missionário, tornam-se os primeiros a comunicar ao mundo a boa notícia da ressurreição. O encontro com a pessoa de Jesus Cristo transformou-lhes a vida!

2. II leitura (Cl 3,1-4)

O ponto de partida da carta de Paulo aos Colossenses é a Páscoa de Jesus: "Se ressuscitastes com Cristo, esforçai-vos para alcançar as coisas do alto" (v. 1). Pelo batismo, os cristãos são chamados a uma vida nova por graça de Deus, mas Paulo recorda a responsabilidade de cada um: "aspirai às coisas celestes e não às coisas terrestres". Essa linguagem paulina indica que todos os cristãos devem assumir sua vida de ressuscitados. A Páscoa precisa mexer e provocar nossa vida de batizados!

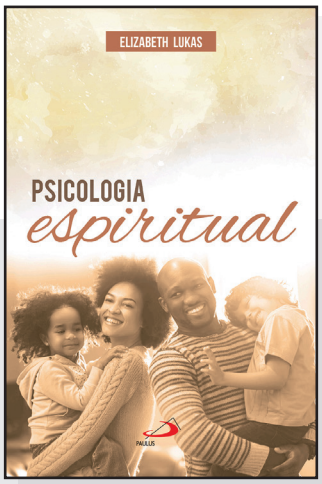
A ideia de "morrer" para as coisas terrestres não significa uma fuga do mundo, uma espiritualidade desconectada com a realidade, mas sim a capacidade de transcender tudo o que reduz a vida e "ascender", elevar a vida que nos habita e habita o mundo. A ressurreição é o erguimento de toda a condição humana, que participa do mesmo destino e da mesma solidariedade de Cristo morto e ressuscitado. Paulo sugere o céu, "as coisas do alto", para compor a gramática dos buscadores.

3. Evangelho (Jo 20,1-9)

A primeira a "buscar" Jesus, depois da crucificação, no Evangelho de João, foi Maria Madalena. O amor de Maria Madalena não permitia que ela ficasse parada: ela foi "bem

Psicologia espiritual: fontes de uma vida plena de sentido

Elizabeth Lukas



200 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A logoterapia é uma escola que oferece possibilidade especial de salvação ao nosso tempo, marcado pelo desequilíbrio decorrente da desintegração da família. Entenda mais sobre a prática.

Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

de madrugada, quando ainda estava escuro" (v. 1). O jogo entre escuridão e luz, que acompanha todo o texto joanino, expressa-se também neste momento crucial – entre a morte e a ressurreição. O amor de Madalena fez que suas trevas, sua tristeza e seu desespero pela morte se movimentassem na direção da luz, movimento próprio de quem ama!

Ao perceber que a pedra do túmulo tinha sido retirada (v. 2), Madalena saiu correndo e foi contar a Pedro e ao discípulo amado. A corrida de Madalena passou a ser acompanhada pela corrida de Pedro e pela corrida do discípulo amado. Todos correm porque buscam! Se a morte de Jesus paralisava e amedrontava, aquela correria começava a contar ao mundo uma novidade: o túmulo estava vazio.

O movimento do discípulo amado compõe como que uma metáfora de todos os que amam: 1) corre mais veloz do que Pedro (v. 4); 2) chega antes ao sepulcro (v. 4); 3) sabe esperar quem vem depois (v. 5); 4) viu as faixas de linho e o pano que estava sobre a cabeça de Jesus e acreditou (v. 8). Trata-se de verdadeira gramática: o amor é mais veloz e, por isso, sempre chega antes! Não obstante a condição de "primeirear", o amor sabe ter paciência, sabe esperar o outro, porque prefere a comunhão no lugar do isolamento. O amor acredita antes porque "primeireia" e sabe olhar tudo com os olhos da fé.

O papa Francisco inaugurou este verbo que parece estranho, *primeirear*, que é do coração do Evangelho:

> A Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários que "primeireiam", que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeireiam – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1Jo 4,10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro (*Evangelii Gaudium*, n. 24).

O amor de Maria Madalena, o amor de Pedro e o amor do discípulo amado alcançam "as faixas de linho deitadas no chão e o pano que tinha estado sobre a cabeça de Jesus" (v. 6-7). Dentro do túmulo, começaram a entender tudo o que Jesus havia dito e ensinado (v. 9). Essa realidade do túmulo, assumida por Jesus, anuncia a derrota da morte. De dentro do túmulo, os buscadores comunicaram ao mundo que o amor é mais forte do que a morte, aquela mesma verdade vivida pelos amantes do Cântico dos Cânticos (8,6). De fato, a experiência da ressurreição é muito próxima da experiência do amor!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Os textos da Palavra de Deus deste domingo são um convite a acender a luz de Jesus ressuscitado. O anúncio da salvação de Deus na pessoa de Jesus Cristo, por obra do Espírito Santo, é o centro de toda a evangelização da Igreja nascente e torna-se o ponto de referência para todo o anúncio do Evangelho na história. Mais do que um grande discurso, a ressurreição de Jesus deve ser um convite a "viver as coisas do alto", ou seja, a entrar na dinâmica do Ressuscitado por meio de uma vida nova, erguida de toda prostração e morte. O Evangelho nos convida a participar da "correria" dos que buscam Jesus Cristo. A partir do "túmulo vazio", da fragilidade, do trauma, o movimento de buscar é um convite a toda a humanidade a pôr-se a caminho do amor, "primeireando" e fazendo o bem.

Concluímos com o convite a "rolar as pedras" feito pelo bispo italiano Tonino Bello, conhecido como "o dom dos pobres":

> Vou recorrer à sugestão da pedra que as mulheres, ao chegarem ao jardim na manhã de Páscoa, viram retirada do túmulo. Cada um de nós tem sua própria pedra. Uma pedra enorme, colocada na boca da alma, que não permite a passagem do

oxigênio, que oprime com um aperto de gelo, que bloqueia cada raio de luz, que impede a comunicação com o outro. É a rocha da solidão, da miséria, da doença, do ódio, do desespero, do pecado. Somos sepulturas alienadas! Cada um com seu próprio selo de morte! Que a Páscoa seja, então, para todos, o rolar da pedra, o fim dos pesadelos, o início da luz, a primavera de novos relacionamentos, e se cada um de nós, tendo saído de sua tumba, se esforçar para remover a pedra da tumba ao lado, o milagre do terremoto que marcou a primeira Páscoa de Cristo finalmente se repetirá! A Páscoa é a festa das pedras roladas! É a festa do terremoto! (*Parabole e metafore*, 2002, tradução nossa).

2º DOMINGO DA PÁSCOA

7 de abril

Em Jesus ressuscitado, comunicar ao mundo o remédio da misericórdia

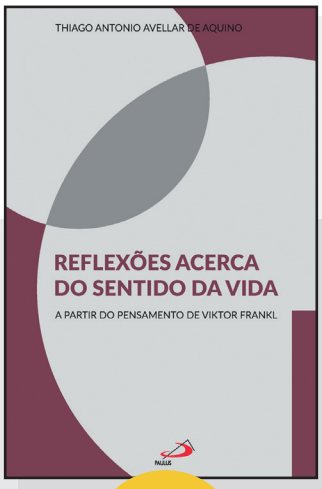
I. INTRODUÇÃO GERAL

O domingo da Divina Misericórdia, segundo da Páscoa, continua a nos pôr diante do mistério da ressurreição de Jesus, uma nova luz que atravessa o mundo. De fato, a misericórdia que aprendemos da escola do Evangelho é "pôr o coração" em tudo que fazemos, transformando as realidades de escuridão. O compositor e poeta canadense Leonard Cohen escreveu uma canção chamada *Anthem*, que diz: "Há uma fenda em tudo! É assim que a luz entra".

Tudo estava trancado ao redor dos discípulos, que, "por medo", estavam escondidos e lutavam contra o desânimo provocado

Reflexões acerca do sentido da vida a partir do pensamento de Viktor Frankl

Thiago Antonio Avellar de Aquino



CONFIRA VERSÃO E-BOOK

A obra tem por objetivo servir como um guia de leitura e aprofundamento para a compreensão da condição humana, em sua busca, e a realização do sentido.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

pela crucificação. O Evangelho deste domingo revela que Jesus ressuscitado é aquele que atravessa a barreira do fechamento. Vencedor da morte, permaneceu no centro da pequena comunidade que tinha chamado e enviado. Seus gestos foram muito particulares: desejou a paz e soprou sobre eles, retomando o gesto criador do Gênesis, convidou Tomé a tocar as feridas dos pregos e da lança, pediu que superassem o medo e fossem comunicadores do amor e da misericórdia no mundo.

Com Tomé, as feridas do mundo ganharam outro significado. Pela sua dúvida e ausência da comunidade, Jesus mostrou-lhe as marcas dos pregos e da lança, o que foi acompanhado de grande profissão de fé: "Meu Senhor e meu Deus". Jesus ressuscitado é o mesmo Jesus crucificado que carregou a marca das feridas! Elas são sinais de que a crueldade dos agressores não tem a última palavra.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 4,32-35)

O testemunho da Igreja nascente é de que a luz da ressurreição se realiza no mundo por meio da vida fraterna. Grande teólogo contemporâneo, o francês Christoph Theobald sustenta que o ser cristão é assumir um estilo de vida. Os Atos dos Apóstolos nos ajudam a desenhar o "estilo" novo, que poderia ser sintetizado pela expressão que abre a primeira leitura deste domingo: "tudo entre eles era posto em comum" (v. 32).

A *Carta a Diogneto* é um documento que mostra como viviam os cristãos nos primeiros anos depois do evento da ressurreição de Jesus. O autor anônimo, escrevendo a certo Diogneto, que queria saber mais sobre a "nova religião", registrou:

> Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por sua língua ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver. [...] Põem a mesa em comum, mas não o leito; estão na carne, mas não vivem segundo a carne; moram na terra, mas têm sua cidadania no céu; obedecem às leis estabelecidas, mas com sua vida ultrapassam as leis; amam a todos e são perseguidos por todos; são desconhecidos e, apesar disso, condenados; são mortos e, deste modo, lhes é dada a vida; são pobres e enriquecem a muitos; carecem de tudo e têm abundância de tudo.

Os Atos dos Apóstolos e a *Carta a Diogneto* atestam que o seguimento de Jesus Cristo era, de fato, uma questão de estilo de vida, que não envolvia exclusivamente aspectos exteriores, mas sobretudo os interiores, do sentido e da disposição de viver. Uma vida que transformava o testemunho da ressurreição na atenção à "necessidade de cada um" (v. 35).

2. II leitura (1Jo 5,1-6)

A primeira carta de João nos ajuda a desenhar o quadro desse "estilo cristão" com base na fé, na caridade e no amor. Trata-se do fundamento para que o seguimento de Jesus não seja reduzido a aparência e a número. A leitura se inicia afirmando que "todo o que crê que Jesus é o Cristo nasceu de Deus" (v. 1). A fraternidade da comunidade, vivida por meio do amor, está ancorada na fé que nos faz irmãos e irmãs, filhos e filhas do mesmo Pai.

A fé é adesão ao Filho de Deus, mediante a realização da sua vontade no mundo. Fé, portanto, em uma pessoa! Trata-se de descobrir, a partir do batismo, a vida de filho/a, como filho/a no Filho. Esse vínculo que nos une a Cristo é que nos torna capazes de participar da "vitória que venceu o mundo" (v. 4), ou seja, da paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Na água do batismo no rio Jordão e, ainda mais, no sangue derramado na cruz, Jesus testemunhou ao mundo a vocação de "Filho

amado" por meio do seu amor total ao Pai e da realização da sua vontade. Realizou tudo porque viveu no Espírito Santo.

3. Evangelho (Jo 20,19-31)

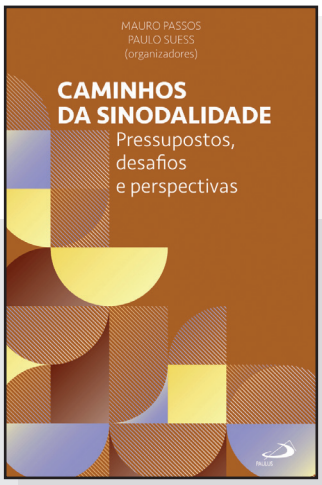
O Evangelho guarda dois episódios que estão totalmente vinculados pela fé em Jesus ressuscitado. Primeiro (v. 19-22), o Ressuscitado apareceu aos onze, que, não obstante o anúncio de Maria Madalena, ainda estavam com dificuldade de acreditar. Jesus atravessou as "portas fechadas" (v. 19) para estar "no meio deles". Embora seja uma nova condição, os primeiros gestos foram desejar a paz (v. 19.21.26) e mostrar as marcas dos pregos e da lança (v. 20). Trata-se do mesmo Ressuscitado-Crucificado. Os discípulos vibraram de alegria (v. 20) por vê-lo e foram confirmados na fé para continuar a missão de comunicar Jesus Cristo ao mundo. Para realizar essa missão, Jesus "soprou sobre eles o Espírito Santo" (v. 22) e conferiu-lhes o poder de portadores da misericórdia e de perdão dos pecados.

A segunda parte (v. 24-29) se passa "oito dias depois" (v. 26). Tomé não tinha estado com os discípulos e tinha dificuldade de acreditar: "Se eu não vir a marca dos pregos em suas mãos, se eu não puser o dedo nas marcas dos pregos e não puser a mão no seu lado, não acreditarei" (v. 25). Jesus novamente apareceu, atravessando as portas fechadas, desejou a paz e convidou Tomé: "Põe o teu dedo aqui e olha as minhas mãos. Estende a tua mão e coloca-a no meu lado" (v. 27). O testemunho da fé de Tomé foi guardado na sua expressão: "Meu Senhor e meu Deus" (v. 28).

Tomé, não obstante sua incredulidade, realiza o gesto fundamental de "aliviar a ferida" por meio do toque, da experiência concreta, da relação! A fé também é relação que nasce da fraqueza, da dúvida, da falência de todas as certezas. Reconhecer a fragilidade é uma epifania que leva a tocar as feridas do mundo.

Caminhos da sinodalidade: pressupostos, desafios e perspectivas

Mauro Passos / Paulo Suess (orgs.)



320 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Num tempo de rupturas, mais do que em outros períodos históricos, a perspectiva sinodal é um convite para pensar a instituição religiosa e sua capacidade de ser como uma religião da esperança, do diálogo e da solidariedade. Entenda os desafios!

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Tomáš Halík, um dos maiores teólogos da atualidade, escreveu um livro chamado *Toque as feridas* (2016), no qual, logo nas primeiras páginas, recorda um acontecimento da vida de São Martinho: "Dizem que o próprio satanás apareceu ao santo sob a aparência de Cristo. No entanto, São Martinho não foi enganado. Ele perguntou: 'Onde estão as tuas feridas?'"

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O domingo da Misericórdia não pode ser celebrado longe das "feridas do mundo". De fato, o mesmo Halík, na obra supracitada, escreveu: "Não acredito em 'fé sem feridas', em uma Igreja sem feridas, em um Deus sem feridas. Somente o Deus ferido através de nossa fé ferida poderia curar o nosso mundo ferido". A misericórdia é o compromisso de "tocar as feridas". Estar longe delas pode significar, como para Tomé, estar longe do Ressuscitado.

O lugar fundamental para viver a misericórdia e o novo "estilo" de vida é a comunidade, por meio da fraternidade, dos vínculos, da amizade, da partilha, da oração, da escuta da Palavra e do pão da Eucaristia. É também na comunidade que podemos partilhar as dores e as feridas que carregamos, bem como ajudar a curar e consolar as chagas de um mundo ferido.

3º DOMINGO DA PÁSCOA
14 de abril

O Ressuscitado é o Crucificado!

I. INTRODUÇÃO GERAL

O tempo da Páscoa é um convite para viver a alegria da ressurreição de Jesus no compromisso pessoal e comunitário de deixar para trás o "tempo de ignorância", como denuncia Pedro, na primeira leitura, na direção de uma vida onde "o amor de Deus é plenamente realizado", nas palavras de São João, da segunda leitura.

Participar da dinâmica da ressurreição de Cristo exige conhecer sua verdadeira identidade e despertar nossos sentidos para compreendê-lo no amor. De fato, quando perguntados sobre quem somos, uma das formas de comprovar é a carteira de identidade. Jesus, no Evangelho, aparecendo ressuscitado aos discípulos, apresentou aquilo diante do qual ninguém poderia desconfiar de sua identidade: as marcas dos pregos. Ele é o Ressuscitado-Crucificado!

A identidade de Jesus são suas mãos e pés machucados. O antes e o depois da cruz formam Jesus inteiro, integralmente vivo! O Evangelho de Lucas, escrito na época de uma grande perseguição contra os cristãos, insiste sobre as chagas, como uma pedagogia para encorajar as comunidades, que também estavam sendo perseguidas: "Vocês serão testemunhas de tudo isso!" No sofrimento dos primeiros cristãos está, igualmente, a identidade de Jesus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 3,13-15.17-19)

A Páscoa de Jesus Cristo foi um ponto de viragem na vida dos seus discípulos. A leitura apresenta parte do discurso de Pedro ao povo, que estava "assombrado" (v. 11) por causa da cura de um homem coxo de nascença. Pedro e João haviam realizado o milagre "em nome de Jesus Cristo" (v. 6) e logo foram cercados por uma multidão.

Pedro e João, imagem de todo o discipulado, realizam os mesmos sinais de Jesus Cristo. Com palavras e obras, a missão de Jesus continuava por aqueles que assumiram seu estilo de vida. Trata-se de uma vida nova, traduzida no grande convite de Pedro: "Arrependei-vos, portanto, e

convertei-vos" (v. 19).

Pedro coloca, lado a lado, a Sagrada Escritura e o convite à vida nova da ressurreição. De um lado, a fé em Jesus Cristo exige reconhecer que ele é o cumprimento das antigas profecias (v. 18) e não foi reconhecido pelo seu povo. E o pior, como denuncia Pedro: "Vós o entregastes e o rejeitastes diante de Pilatos, que estava decidido a soltá-lo. Vós rejeitastes o Santo e o Justo, e pedistes a libertação para um assassino. Vós matastes o autor da vida" (v. 13-15). De outro, para entrar na dinâmica nova do Reino, é preciso tomar consciência do mistério profundo do Filho de Deus, glorificado pelo mesmo "Deus de Abrão, de Isaac, de Jacó e dos antepassados" (v. 13). A missão de todos os discípulos é "dar testemunho" (v. 15), com obras e palavras! Fé e vida, portanto, tornam-se o núcleo central das exortações da Igreja nascente.

2. II leitura (1Jo 2,1-5a)

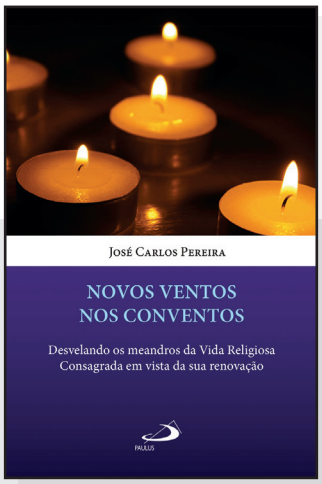
O movimento do chamado de Deus e da resposta humana é central para compreender o texto da primeira carta de João. Nessa dinâmica, "o amor de Deus é plenamente realizado" (v. 5) – ou seja, onde há uma resposta amorosa à salvação gratuita oferecida por Deus a toda a humanidade.

Deus é quem toma a iniciativa: "se alguém pecar, temos junto do Pai um Defensor: Jesus Cristo, o Justo" (v. 1). A justiça de Deus é salvar, e ela é operada por meio de Jesus, defensor, advogado, que intercede por cada pessoa junto ao Pai. A salvação de Deus, portanto, não é punitiva, mas sempre amorosa e sempre livre.

Na medida em que tomamos consciência de que Deus nos precede no amor, o movimento da resposta é configurar a vida, conformando-a com seus mandamentos (v. 4). Trata-se da exigência de "conhecer" (v. 3) Jesus Cristo, ou seja, segui-lo na direção do amor a Deus e do amor aos irmãos e irmãs.

Novos ventos nos conventos: desvelando os meandros da Vida Religiosa Consagrada em vista da sua renovação

José Carlos Pereira



200 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra traz temas pertinentes à Vida Religiosa Consagrada, com ênfase no seu cotidiano, ou seja, naqueles acontecimentos e entraves que, muitas vezes, minam as relações internas e dificultam a convivência entre as pessoas que um dia se consagraram e optaram por viver em comunidade.

Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Conhecer Jesus Cristo, portanto, não é uma especulação, um conteúdo, uma doutrina, mas sim comunicá-lo ao mundo, vencedor da morte e ressuscitado, como resposta de amor ao amor primeiro.

3. Evangelho (Lc 24,35-48)

No mesmo dia da Páscoa, no cenáculo, os discípulos que tinham reconhecido Jesus ao repartir o pão, em Emaús, contavam aos demais tudo que havia acontecido (v. 35). É possível reconstruir a cena: alegria, espanto, desconfiança, medo, estupor se misturavam no meio de tantas conversas. Esse foi o momento em que "Jesus apareceu no meio deles" (v. 36), desejando a paz. O medo dos discípulos foi acolhido pelo incansável desejo de Jesus de fazer-se reconhecer: "Vede minhas mãos e meus pés: sou eu mesmo! Tocai em mim e vede! Um fantasma não tem carne nem ossos" (v. 39).

Jesus Cristo ressuscitado continua presente "no meio" da humanidade. O Evangelho insiste nos verbos olhar, tocar, comer, que fazem oposição à imagem do fantasma, de tudo que é irreal ou ilusório. O Evangelho nos ajuda a compreender que a ressurreição passa por "ressuscitar" os próprios sentidos, ativar as vias mais humanas, para mergulhar no Verbo encarnado. Tudo que anestesia, que disfarça o humano, é estranho a Deus. A Páscoa é um convite a participar da mesma sensibilidade com que Jesus viveu no mundo, na atenção incessante a cada pessoa e a cada realidade, própria de quem tem os sentidos bem despertos.

O cardeal José Tolentino de Mendonça, em uma obra chamada *A mística do instante* (2015), diz que "o amor é um despertador dos sentidos". A "nova" presença de Jesus, que nos convida a acordar os sentidos, não pode ser conhecida, de fato, fora do amor. O convite a "ser testemunhas de tudo isso" (v. 48), que indica a missão de todos os seus seguidores, deve se realizar no amor. A presença ressuscitada de Jesus "no meio dos discípulos" aponta uma dinâmica de presença no mundo, pela qual o cardeal Tolentino traduz a espiritualidade do instante, sensível aos sentidos:

> A mística do instante reenvia-nos, assim, para o interior de uma existência autêntica, ensinando a tornarmo-nos realmente presentes: a ver em cada fragmento o infinito, a ouvir o marulhar da eternidade em cada som, a tocar o impalpável com os gestos mais simples, a saborear o esplêndido banquete daquilo que é frugal e escasso, a inebriar-nos com o odor da flor sempre nova do instante.

A marca dos pregos, o pedido para comer são uma gramática, também, de encorajamento da comunidade nascente, fortemente perseguida. Há uma conformação do sofrimento real dos discípulos com o sofrimento real do próprio Jesus. Tudo que Jesus viveu não foi de mentira, não foi um jogo; foi, sim, a vida levada às últimas consequências. O sofrimento dos perseguidos encontrava significado na presença de Jesus, nas suas chagas, na fidelidade em dar testemunho dele até o fim.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A liturgia da Palavra nos ajuda a reconhecer que Jesus ressuscitado é o Jesus crucificado. As feridas são sinal do amor de Jesus, que "amou até o fim" (Jo 13,1), e, por isso, elas são muito importantes! É o amor que vence a morte, é o amor que tira a força da morte. Na cura do coxo de nascença, Pedro e João compreenderam que o amor a Deus e o amor ao próximo estão estreitamente ligados. É preciso testemunhar, com obras e palavras, essa verdade! De fato, Mario Quintana já dizia em poesia: "O amor é quando a

gente mora um no outro". A primeira carta de João nos convida a conhecer o amor primeiro do Pai e responder a ele por meio do seguimento de Jesus Cristo, o Defensor.

A partir da Páscoa, nossa vida tem a marca, a identificação de Jesus Cristo! Trata-se de um selo, de um carimbo na carne e nas feridas. A Páscoa é aquilo de mais importante que poderia acontecer para ativar nossos sentidos, para despertar nossa humanidade na direção de uma vida ainda mais humana.

4º DOMINGO DA PÁSCOA

21 de abril

O Bom Pastor: uma vida que se entrega!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Com o chamado "domingo do Bom Pastor", a Igreja celebra a Jornada Mundial de Orações pelas Vocações Sacerdotais e Religiosas. O ponto de referência é Jesus Cristo e seu estilo de vida, aquele que cuida das ovelhas a ponto de oferecer a própria vida para guardá-las. Muito diferentes são os maus pastores, que dispersam e assustam o rebanho. A parábola do Bom Pastor oferece um paradigma vocacional cujo princípio é o amor, o cuidado e a liberdade das ovelhas.

Pedro, no sinédrio, falou aos chefes do povo e aos anciãos "cheio do Espírito Santo". Por causa da cura de um coxo de nascença, que agitou o povo de Jerusalém e fez muitos acreditar em Jesus, os chefes se enfureceram e mandaram prender os apóstolos. Sem medo, Pedro anuncia que tudo que realizam é "pelo nome de Jesus Cristo, de Nazaré".

Teologia do cuidado na formação do futuro presbítero

Ademilson Tadeu Quirino / Bismarque Maciel de Oliveira

104 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

O livro aborda os aspectos conceituais da teologia do cuidado e suas implicações na formação humana do futuro presbítero. Apresenta a prática do cuidado como possibilidade de discernimento a partir da revelação dos mistérios divinos.

Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

A primeira carta de João põe-nos diante do tema da filiação divina. Trata-se de "conhecer" o Pai, ou seja, de amá-lo, de participar da sua vida, realizando sua justiça (1Jo 2,29), a fim de vivermos uma vida de filhos e filhas. O mundo, expressão das forças que resistem ao plano do Pai, prefere a distância porque "não o conhece". Ser filho/a é estar com o Pai!

Com a liturgia da Palavra, somos convidados a celebrar a presença dos presbíteros, dos religiosos e, na imagem do Bom Pastor, de tantas lideranças, agentes de pastorais, leigos e leigas que assumem a missão de comunicar Jesus Cristo ao mundo por meio de um estilo de vida comunitário. O pastor que cuida e dá a vida, o discurso cheio do Espírito Santo de Pedro e a descoberta de ser filhos e filhas de Deus no Filho de Deus são grande inspiração para viver o ministério a que Deus nos chamou e enviou, ou mesmo para despertar e assumir esse serviço ao Evangelho como resposta de amor.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 4,8-12)

A cura de um coxo de nascença realizada por Pedro e João (At 3,1-8) e o subsequente discurso ao povo, convidando à fé em Jesus Cristo, causaram grande alvoroço em um grupo de autoridades de Jerusalém que fizeram comparecer no sinédrio os dois apóstolos. O versículo que antecede a leitura deste domingo é o questionamento dos chefes: "Com que poder ou em nome de quem vocês fizeram isso?" (4,7).

Pedro tomou a palavra e a resposta foi direta: "é pelo nome de Jesus Cristo, de Nazaré" (v. 10). Lucas, autor dos Atos dos Apóstolos, faz questão de assinalar que Pedro falou "cheio do Espírito Santo" (v. 8). O discipulado de Pedro está na continuidade do mesmo Espírito que guiou Jesus. De fato, no Evangelho de Lucas, a primeira expressão que saiu da boca de Jesus, na sinagoga de Nazaré, ao ler a profecia de Isaías, foi: "O Espírito do Senhor está sobre mim" (Lc 4,18). Na cruz, seu último gesto foi entregar o Espírito que o tinha conduzido por toda a vida: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23,46).

Os sinais realizados pelos discípulos são obras que se completam pela força de Deus, o qual ressuscitou Jesus dos mortos. É pela ressurreição que tudo se torna novo, não obstante o poder de morte das autoridades judaicas. Jesus continua vivo e operando os mesmos sinais por meio dos seus seguidores. Pedro denuncia que toda decisão arrogante e injusta dos chefes e toda liderança exercida como dominação são descartadas pela justiça e pela salvação divina: "em nenhum outro há salvação" (v. 12).

2. II leitura (1Jo 3,1-2)

Conhecer a Deus é amar a Deus! A vida cristã carrega, no seu âmago, o amor de Deus. Ele nos amou primeiro! A resposta é viver o amor por meio da adesão a Jesus Cristo, configurando um estilo de vida à sua imagem: tornar-se filho/a de Deus no Filho de Deus. A filiação, diz a primeira carta de João, é um grande presente, é um dom oferecido por Deus.

O mundo, por não conhecer a Deus, permanece distante dele e rompe com a filiação. É conhecendo a Deus que os que acreditam são gerados como filhos e filhas, percurso que acontece em dois movimentos: uma filiação que se realiza no presente – "desde já somos filhos de Deus" (v. 2) – e uma filiação "do que seremos" (v. 2) no futuro. De fato, conclui a leitura, o destino dos filhos é participar da mesma vida do Filho: "seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é" (v. 2).

Tornar-se filho/a é uma chave de reflexão muito importante porque, no fundo, significa ser aquilo que somos. Na medida em que a referência para ser filho/a é o Filho de Deus, não se trata de imitá-lo, mas de assumir uma identidade real e humana,

como Jesus assumiu. O discipulado, antes de tudo, é a descoberta de ser humano, de ser filho, de ser amado e caminhar na direção de uma vida sempre mais humana e, portanto, divina.

3. Evangelho (Jo 10,11-18)

Por duas vezes, Jesus emprega a expressão: "Eu sou o bom pastor" (v. 11.14). A expressão "eu sou", que retorna seguidamente no Evangelho de João, é recuperada da autorrevelação divina no Êxodo: "Eu sou aquele que sou" (Ex 3,14). Jesus, portanto, é a contínua revelação da identidade do Deus libertador que convida o povo à aliança.

Depois da primeira revelação de Jesus como bom pastor, segue-se a antítese entre o pastor e o mercenário (v. 11-13). Jesus diferencia o pastor, "que dá a vida pelas ovelhas" (v. 11), do mercenário, que, diante de um perigo, "abandona as ovelhas e foge" (v. 12). Trata-se de forte denúncia contra as lideranças judaicas que tornavam o povo submisso por meio de certa narrativa sobre Deus e, assim, manipulavam sua consciência. De fato, todo o capítulo 10 do Evangelho de João transcorre durante a festa de Dedicação do templo.

A segunda revelação de Jesus é acompanhada por uma descrição da identidade do bom pastor (v. 14-16), que sempre busca estabelecer com as ovelhas uma relação de intimidade, comunhão e unidade. Não substitui sua autonomia, mas as ajuda a amadurecer e discernir. Tudo se realiza com base no conhecer: "Eu conheço minhas ovelhas e elas me conhecem" (v. 14). Como vimos também na primeira carta de João, não se trata de conhecer um conteúdo, uma ideia, mas de aderir a uma pessoa no amor.

O que mantém unidos o pastor e as ovelhas é o amor. Não, porém, um amor exclusivista, dividido entre puros e impuros: "Tenho outras ovelhas que não são deste redil: também a elas devo conduzir; escutarão

Byung-Chul Han e a hipercomunicação

Carolina Terra, Carlos Eduardo Souza Aguiar, Michelle Prazeres e Rodrigo Daniel Sanches

Imagens meramente ilustrativas.

EXCLUSIVO VERSÃO E-BOOK

O livro apresenta pesquisas e reflexões acerca de temas emergentes da comunicação na contemporaneidade e suas interfaces com a tecnologia e a filosofia. O objetivo da obra é ampliar o debate sobre a contribuição do intelectual sul-coreano Byung-Chul Han nas pesquisas e na compreensão da comunicação hoje.

Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor" (v. 16), disse Jesus. O bom pastor ajuda a desfazer a ideia de que o amor é uma gaiola que sufoca. Como compreendeu bem São Paulo, escrevendo aos romanos: "Deus não faz acepção de pessoas" (Rm 2,11).

A identidade do pastor guarda uma vida que se entrega: "dou a minha vida livremente" (v. 18). Na paixão, morte e ressurreição de Jesus está o ícone da verdadeira relação de amor que deve existir entre um pastor e seu rebanho, uma vida capaz de doar-se até o fim.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Os verbos que formam a identidade do bom pastor são um mapa para nossas comunidades e para qualquer exercício de coordenação: conhecer, defender, dar a vida, acompanhar, reunir. Trata-se de grande projeto de vida! A unidade que forma a relação entre o pastor e o rebanho não é uniformidade; ou seja, não se trata de apagar as diferenças, mas de evidenciá-las e aprender a conviver com elas, buscando os pontos em comum e respeitando os antagonismos. A comunidade é o lugar da diversidade! Importante é assumir, como Pedro, a fidelidade e a abertura ao Espírito Santo.

5º DOMINGO DA PÁSCOA
28 de abril

A fecundidade da vida está em permanecer no Ressuscitado!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Somos a tensão entre fecundidade e esterilidade. Ninguém consegue ser abundante o tempo todo, sem ser atravessado pela falência. Jesus, especialista em vida plena, neste 5º domingo da Páscoa, convida a "permanecer" nele para "produzir frutos", como o ramo permanece unido à videira.

A fecundidade da vida se realiza à medida que amadurecemos aquilo que somos, deixamos cair as máscaras de disfarce e assumimos um caminho de autonomia e de liberdade, capaz de tomar decisões e fazer escolhas. De fato, o primeiro mandamento de Deus para suas criaturas foi: "Sejam fecundos" (Gn 1,22). Gerar mais vida, expandir a vida, é vocação que nos põe diante das tensões do fechamento e do isolamento.

A contradição também fez parte da vida de Paulo. Ele, que se tornou um dos maiores evangelizadores e missionários de Jesus Cristo, enfrentou muitas resistências da comunidade nascente, que "não acreditava que ele fosse discípulo", como afirma a primeira leitura, dos Atos dos Apóstolos. A vida de perseguidor, própria de quem fere a vida do outro, ainda gritava alto e causava medo. No entanto, o amor por Jesus, vivido, como sublinha a primeira carta de João, "com ações e de verdade", é portador de nova fecundidade na história do apóstolo.

Para adentrar nos textos da liturgia da Palavra, somos motivados por uma inspiração do Pe. Ermes Ronchi (homilia de 2/5/2021 – disponível em www.avvenire.com, tradução nossa):

> A moral do Evangelho consiste na fecundidade e não na observância de regras, e traz consigo alegres canções de colheita. No entardecer da vida terrena, a pergunta final, a verdade suprema da existência, não será sobre mandamentos ou proibições, sacrifícios e renúncias, mas focalizará toda a sua doce luz no fruto: depois que você passou no mundo, na família, no trabalho, na igreja, da sua videira, amadureceram cachos de bondade ou uma colheita de lágrimas? Atrás de você, ficou mais vida ou menos vida?

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 9,26-31)

Saulo era um dos perseguidores mais cruéis da comunidade cristã nascente. Em certo momento da vida, "caiu do cavalo" e deu uma guinada total na sua existência, aderindo fielmente a Jesus Cristo. Era natural que houvesse resistência à sua conversão. A leitura se inicia afirmando que "Saulo chegou a Jerusalém para se juntar aos discípulos. Mas todos tinham medo dele" (v. 26).

Barnabé foi personagem fundamental para Saulo ser acolhido. De maneira bastante pedagógica, apresentou Saulo na perspectiva da sua história de conversão e da sua inflamada forma de pregar o Evangelho (v. 27). Barnabé ajudou a criar um clima de acolhida, de escuta e de rompimento de medos. É verdade que houve outras resistências, outros fechamentos, e não foram poucos os que se esforçaram para mandar o neoconvertido para longe de Jerusalém. Saulo acolheu tudo e viveu tudo em nome de Jesus. Sua conversão significou uma mudança total de identidade, a ponto de lhe alcançar até mesmo um novo nome, Paulo.

Não obstante as tensões, o livro dos Atos dos Apóstolos sublinha que tudo acontecia "com a ajuda do Espírito Santo" (v. 31). De fato, não é possível refletir sobre Saulo, Pedro ou qualquer dos discípulos sem a fecundidade do Espírito Santo, que mantém tudo ligado ao Senhor.

2. II leitura (1Jo 3,18-24)

No centro do anúncio de João está sempre o amor. Fora do amor não há vida fecunda! De diversos modos, com diferentes tons, acentuando dimensões particulares, suas cartas sempre retornam ao amor como grande núcleo central. Trata-se do amor da Páscoa, um amor que João não cansou de contar ao mundo. No entanto, o autor assume que um salto é sempre fundamental: "Filhinhos, não amemos só com palavras e de boca, mas com

Educomunicação e outras epistemologias

Dayana K. Melo da Silva e Cláudia Lago

Imagens meramente ilustrativas.

EXCLUSIVO VERSÃO E-BOOK

Os artigos reunidos neste livro apresentam uma perspectiva do estado da arte da educomunicação em vários eixos temáticos, a exemplo das questões referentes a raça, gênero, sexualidade, território, corpo, memória, educação pelas mídias, educação popular, intervenções sociais e lutas ambientais.

Aponte a câmera do seu celular e confira!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

ações e de verdade" (v. 18). Aqui está uma das respostas fundamentais ao convite para "produzir frutos" de Jesus, no Evangelho.

Nesse sentido, João nos convida a fazer uma avaliação da nossa trajetória: diante do amor proclamado e realizado "está o critério para saber que somos da verdade" (v. 19). O amor a Jesus Cristo e aos irmãos e irmãs deve ser a síntese verdadeira de todos os que creem. Nesse amor, realizamos os mandamentos: "Quem guarda os seus mandamentos permanece com Deus e Deus permanece com ele" (v. 24). A fecundidade da vida cristã está na acolhida de um estilo de vida que seja concordante, em forma e conteúdo, com a lógica de Deus sintetizada no mandamento do amor.

3. Evangelho (Jo 15,1-8)

A palavra-chave para meditar o Evangelho é "permanecer". De fato, ela aparece sete vezes, sugerindo também um símbolo de integralidade na direção dos frutos para o Reino. O anúncio da partida de Jesus, com seu discurso de despedida, causou assombro e medo nos discípulos. Quando tudo parecia o fim, Jesus indicou a consolação para todos os que creem: a comunhão profunda e real com ele.

O ramo unido à videira sugere a adesão dos discípulos a Jesus Cristo. Com base nessa unidade, é possível viver uma vida fecunda: "assim também vós não podereis dar fruto se não permanecerdes em mim" (v. 4). A imagem da videira foi, muitas vezes, usada pelos profetas para descrever o povo de Israel, que, ao quebrar a aliança com Deus, se tornava estéril (cf. Is 5). Romper com o amor de Deus é romper com a fecundidade! Jesus se apresenta como "a verdadeira videira" (v. 5) que permanece sempre unido ao Pai e, por isso, realiza muitos frutos.

Produzir frutos é tornar a vida capaz de gerar mais vida! Uma das primeiras formas de realizar essa vocação é viver em comunhão com os outros e com toda a casa comum, abrindo-se para as relações e os vínculos. Todo ramo, ligado à videira, depende dos outros ramos para produzir frutos. A comunhão sugerida por Jesus encontra sentido no amor: não é possível dar frutos fora do amor. O fruto vem do amor e é o amor!

O Evangelho constitui uma escola para aprendermos a amar em meio às nossas contradições. A seiva do amor, tal como a seiva da videira, já pulsa no nosso interior. É preciso deixá-la fluir, crescer, rompendo com todo impulso de isolamento. Dispormo-nos a "permanecer" em Jesus significa, com a ajuda do Espírito Santo, assumir um estilo de vida de abertura e de reconstrução da nossa identidade, tal como viveu Paulo. "Permanecer" não é uma tarefa fácil; exige enfrentar-nos interiormente, significa aprender a renascer das contínuas "podas da videira", sempre na direção do amor. Podar a videira não significa matá-la, mas abrir espaço para que mais vida, mais fecundidade, possa se realizar.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Deus está continuamente presente na nossa vida, qual seiva que ajuda a circular e gerar comunhão. É sua graça que sustenta a construção cotidiana do amor e abre canais para realizar nossa vocação de discípulos. Paulo experimentou, em meio às suas contradições, essa graça, que o convidava a dar o salto para a vida nova, a vida maior! Graça à qual João sugeriu responder por meio do amor, com palavras e obras de verdade. Algumas questões pessoais, que também podem ser questões comunitárias, abrem um caminho de meditação: Como tenho frutificado minha vida? Como tenho amadurecido e me tornado aquilo que, de verdade, sou? Quais conversões são necessárias? Como vivo minhas relações? Qual é a fonte da comunhão que vivo? De que seiva tenho me nutrido? vp

COLEÇÃO MINISTÉRIOS

Tenha em mãos textos valiosos que pretendem mostrar a importância de um bom caminho formativo em meio às realidades atuais. Dessa forma, os ministérios na Igreja podem se tornar, cada vez mais, uma força positiva e transformadora nas comunidades, impactando vidas de maneira significativa.

Ministérios da Igreja: uma jornada de serviço e doação.

Formação
Desafios morais 2

Igreja e escândalos sexuais
Por uma nova cultura formativa

Ternura
Uma abordagem ético-teológica

Formação integral
Por uma cultura do cuidado

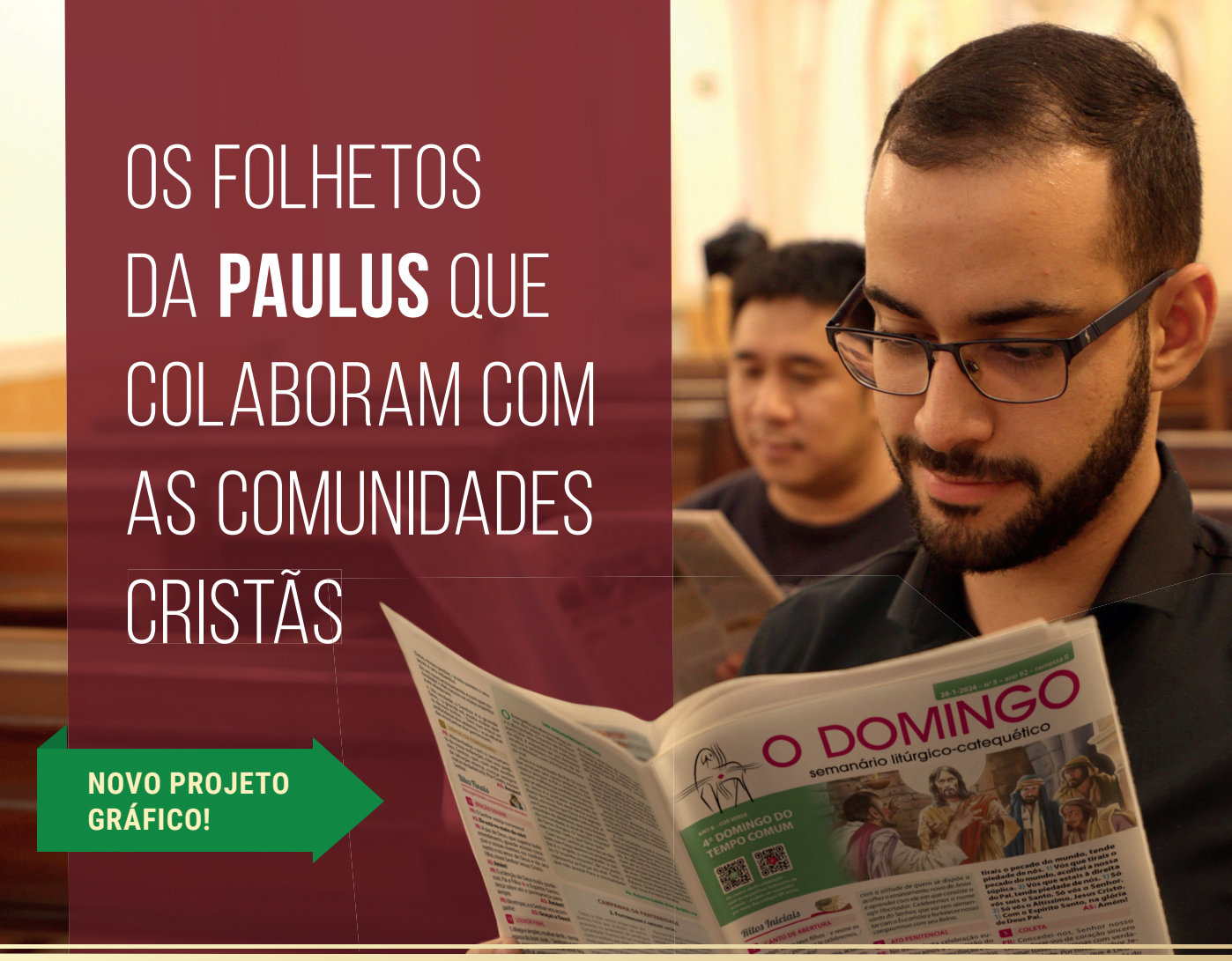
TODOS OS TÍTULOS ESTÃO DISPONÍVEIS EM **E-BOOK**

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

Aponte a câmera do seu celular conheça a coleção completa!

PAULUS

OS FOLHETOS DA **PAULUS** QUE COLABORAM COM AS COMUNIDADES CRISTÃS



NOVO PROJETO GRÁFICO!

Os folhetos litúrgico-catequéticos da **PAULUS** visam ajudar as comunidades na experiência de fé, quando se reúnem em torno da Palavra e da Eucaristia. Confira os benefícios exclusivos para assinantes:

10% DE DESCONTO em publicações PAULUS*

- Assinatura anual com frete incluso;
- Promoções exclusivas;
- Mais descontos para assinatura em grupo.

*Exceto periódicos e publicações importadas.

Faça ou renove a sua assinatura e aproveite!

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
WhatsApp: (11) 99974-1840
assinaturas@paulus.com.br
@editorapaulus

Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!

PAULUS